



**ESCOLA
DE PAIS
DO BRASIL**

**SECCIONAL
DE SALVADOR
REVISTA nº 43**

Ano 2022

um TIME CHAMADO Família



- ✓ **EDITORIAL**
- ✓ **ARTIGOS DE FUNDO**
- ✓ **A ESCOLA DE PAIS EM AÇÃO**
- ✓ **DIVERSIFICANDO**

- ✓ **PÁGINAS PRECIOSAS**
- ✓ **HUMOR**
- ✓ **AGRADECIMENTOS**

**ESCOLA DE PAIS
DO BRASIL, SECCIONAL
DE SALVADOR**
REVISTA nº 43 - ANO 2022

ENDEREÇO

Condomínio Residencial Resort Le Parc
Rua Le Champ 311 – Torre 9
Apto 1203 - CEP 41680-090
Patamares, Salvador. Bahia
e-mail: escoladepais.salvador@gmail.com

PRESIDENTES

Marama Farias Labrunie
Marcos Moraes Labrunie

ORGANIZAÇÃO

Nilza Carolina Suzin Cercato

CONSELHO EDITORIAL

Maria das Graças e Clélio Souza
Jane e Reinaldo Cezimbra

DIRETOR FINANCEIRO

Maria Auxiliadora Torres Vilas Boas
Jaziel Barretto Vilas Boas

**PROJETO GRÁFICO
E EXECUÇÃO**

Bárbara Almeida

IMAGENS

pixabay.com

CAPA

Marina Aquino

ÍNDICE

✓ EDITORIAL

- UM TIME CHAMADO FAMÍLIA 3

✓ ARTIGOS DE FUNDO

- FAMÍLIA, ESPAÇO PRIVILEGIADO DE TRANSMISSÃO DE VALORES 4
- A FAMÍLIA CONFIAR NOS VALORES QUE TRANSMITE? 7
- VALORES RELACIONAIS 10
- VALORES ÉTICOS E MORAIS A RESPONSABILIDADE DA FAMÍLIA NUMA PERSPECTIVA AXIOLÓGICA. 12
- VALORES DA ESPiritUALIDADE E GRATIDÃO 14
- CAPACIDADE CRÍTICA PARA VIVENCIAR OS VALORES 17

✓ A ESCOLA DE PAIS EM AÇÃO

- O QUE É A EPB? 17
- ENTREVISTA: CERES LAERTE COTRIM SAMPAIO 25

✓ DIVERSIFICANDO

- A EXPERIÊNCIA LEITORA COMO GESTO FORMATIVO 27
- A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS 30
- MEDO VERSUS RESILIÊNCIA 33

✓ PÁGINAS PRECIOSAS

- SER PAI 36
- O FOGO QUE NOS TRANSFORMA 37
- QUANDO O CORPO FALA 38

✓ HUMOR

- NOSSAS CRIANÇAS DIZEM CADA UMA... 39

✓ AGRADECIMENTOS

41



**MARAMA FARIAS LABRUNIE E
MARCOS MORAES LABRUNIE**

Casal Presidente da EPB Seccional Salvador, Associados da EPB desde 2016. - Casal diretor da Integração Nacional (DEN).
- Marama: Professora e Administradora de Empresas. - Marcos: Engenheiro de Sistemas com extensa experiência internacional em cargos de direção na área de Tecnologia da Informação, no Brasil, Peru, México e Espanha.

EDITORIAL

UM TIME CHAMADO Família

Esta busca por um novo ponto de equilíbrio ocorre também na EPB Salvador. Em 2022 voltamos a realizar Círculos e Palestras de forma presencial, em complemento às atividades on-line.

A EPB Salvador decidiu manter em formato on-line nossa Revisão e nosso Seminário, pois percebemos que isso permite uma participação mais ampla de nossos associados (e de nossos convidados). Inclusive este ano tivemos a experiência inédita de realizar uma Revisão conjunta de todas as Seccionais da EPB da Região Nordeste, o que não teria sido possível no formato presencial!

Esta 43ª edição da nossa querida Revista Anual da EPB Salvador está sendo publicada pela terceira vez de forma exclusivamente eletrônica. Como você pode notar, em 2022 a EPB decidiu realizar uma grande renovação da sua marca e logotipo, adotando cores mais vibrantes, visando uma comunicação mais atual e efetiva. Esta mudança é parte de um movimento mais amplo de renovação de TODA a Comunicação da EPB, que pretende nos posicionar como ponto de referência para pais e educadores, tanto no mundo presencial como no on-line.

Para os associados da EPB Salvador, queremos transmitir nosso muito obrigado pela sua resiliência e pelo apoio que continuam a dar à nossa causa. A EPB está apenas no início de um novo ciclo. Muitas novidades ainda estão por vir!

Aproveitamos para dar as boas-vindas aos novos associados que chegaram até nós através do 2º Programa de Integração da EPB, outra iniciativa pioneira que este ano voltou a ser realizada de forma 100% on-line.

Se você ainda não participa da EPB, convidamos a que se una ao nosso time, pois em 2022 a nossa mensagem de esperança e de apoio às famílias na educação dos filhos e netos é mais necessária do que nunca!

2022 está sendo um ano de TRANSFORMAÇÃO. Depois de quase dois anos encerrados em casa e limitados basicamente às atividades on-line, o mundo está pouco a pouco regressando às atividades presenciais.

O longo período no qual crianças e adolescentes permaneceram fechados em casa, sem aulas e sem convívio social adequado, gerou graves sequelas para o seu desenvolvimento, que somente agora se tornam claras. Mais que nunca as famílias precisam atuar como um time coeso, pois não basta apenas retomar as atividades presenciais, também é preciso encontrar maneiras de ajudar nossas crianças e adolescentes a superar alguns traumas.

A EPB pode e deve ser um ponto de apoio para os pais e educadores neste processo, atuando como um técnico que apoia e orienta o time em busca da vitória!

Um dos grandes desafios da EPB, neste ano de 2022, está em buscar a melhor maneira de realizar cada atividade, tratando de equilibrar as atividades presenciais e on-line para maximizar o número de pessoas beneficiadas e a qualidade do nosso apoio.

Devido ao formato on-line, uma grande parte dos associados pôde participar facilmente no Congresso Nacional, na Revisão Nacional e em inúmeros Webinars e Revisões realizados pelas Seccionais da EPB em outros estados.



ANA ROSA SOUZA

Analista de Sistemas formada pela UFBa, casada há 44 anos, 2 filhos e 3 netos. Junto com seu esposo, Anníbal Souza, são membros da EPB – Seccional de Salvador há 30 anos.

A família é uma instituição histórica que vem passando por diversas transformações conforme a época e lugar. Contudo, independente do modelo ou configuração, suas funções permanecem insubstituíveis quanto à educação, proteção de seus membros e transmissão de valores. Espaço onde gênero e gerações se encontram promovendo uma relação de troca e socialização. Hoje podemos definir a família como “[...] uma associação de pessoas que escolhe conviver por razões afetivas, assume o compromisso de cuidado mútuo e, se houver, com crianças, adolescentes e adultos.” (SZYMANSKI, 2002, p. 9). É nesse espaço privilegiado que são transmitidos de geração em geração, vivenciados e absorvidos os valores humanitários, éticos, culturais, morais e espirituais.

Podemos falar em valores frágeis e distorcidos que fragilizam a vida e os relacionamentos; são valores que direcionam para obtenção do prazer e felicidade próprios, em que o outro é apenas um meio de alcançá-los. Também podemos falar em valores consistentes, os quais consideram a existência humana com



FAMÍLIA,
ESPAÇO PRIVILEGIADO DE TRANSMISSÃO DE VALORES

relacionamentos autênticos, tanto na família quanto na sociedade. Fazem parte dessa categoria a solidariedade, a empatia, o respeito, a amorosidade, a espiritualidade, dentre outros. Valores frágeis de uma sociedade tem forte correlação com valores transmitidos dentro do espaço familiar. Na perspectiva de uma mudança, é necessário refletir sobre os valores herdados da família e estar aberto a novas percepções e aprendizado. Valores que favorecem escolhas mais assertivas devem ser nutridos, mantidos e fortalecidos. Por outro lado, valores que conduzem a não assertividade e a relacionamentos tóxicos devem ser confrontados e revisados. Famílias que praticam revisão dos

valores que transmitem, contribuem para formação de seres humanos mais realizados, que valorizam a vida humana e a sociedade.

Na família, se inicia a constituição da identidade humana e por este motivo, ela é a primeira e maior referência desses valores para a criança, como um laboratório social para sua formação e vivência em sociedade. Os valores transmitidos servirão como importante referencial para compor sua personalidade, seu padrão de comportamento e as escolhas que definem suas ações, valores esses levados por toda sua vida.

Quando nasce uma criança, sua mente é uma folha de papel em branco a ser preenchido de acordo com os padrões que são vivencia-

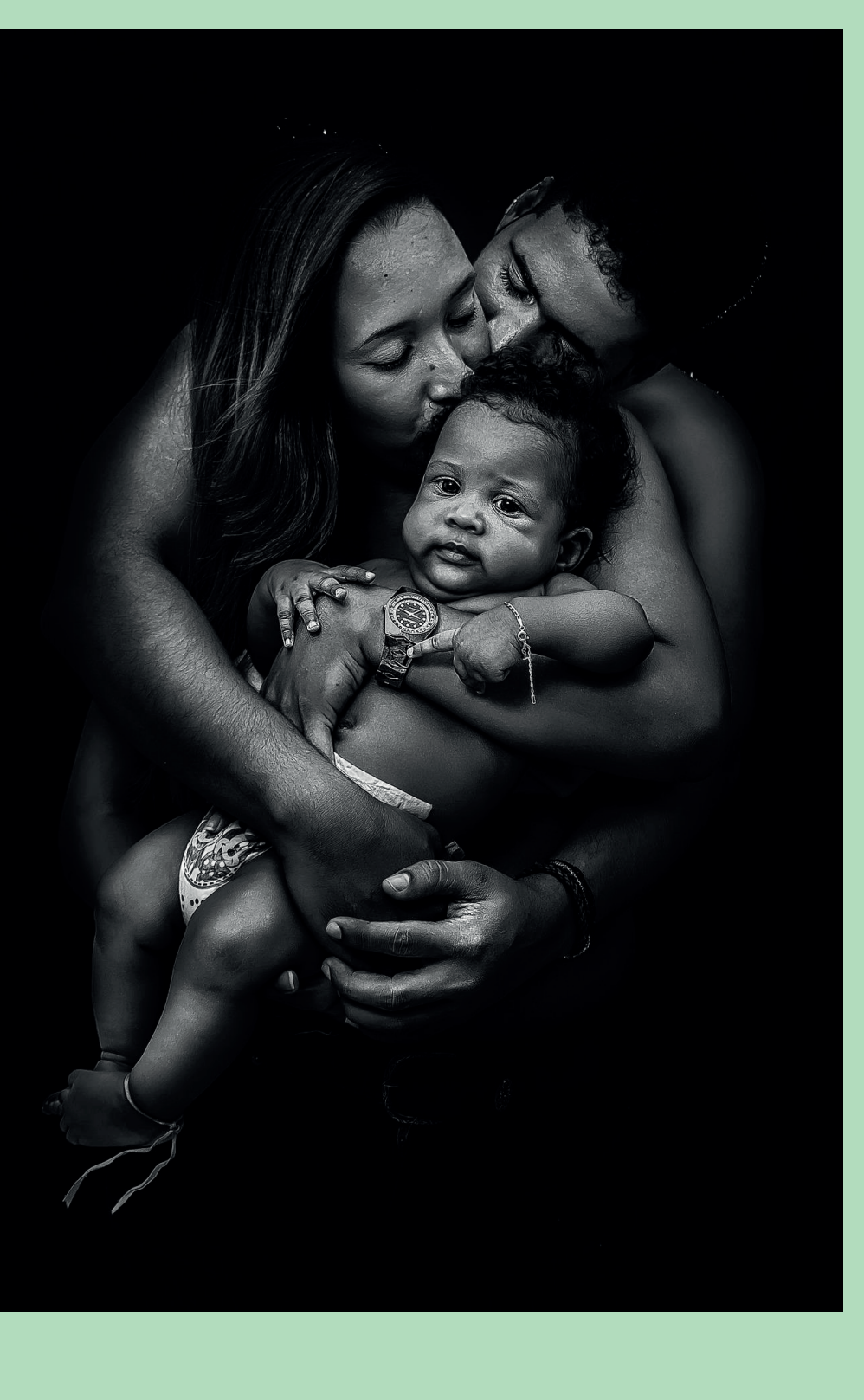
dos de hábitos, comportamento, costumes, atitudes, linguagem e valores. Formar o caráter de uma criança é uma grande responsabilidade, portanto, faz-se necessário ser consciente quanto a importância de cultivar e viver valores, pois a família constrói o alicerce do adulto

futuro como cidadão, no pleno sentido de direito à vida em sociedade. Cada família é única e tanto suas semelhanças ou suas diferenças são pautadas nas prioridades que elegem as formas mais adequadas para uma convivência intra e interpessoal sadia.

Mas o que vem a ser valores familiares? Valores familiares são “os preceitos, normas ou acordos que orientam os membros de cada família para uma convivência harmoniosa, fluida e equilibrada”, fundamentados no conceito de amor. Não são apenas aquelas recomendações dadas pelos pais em determinados momentos, mas também os exemplos claros de valores existentes e coerentes que dão credibilidade. Não cabe duplicidade de discursos nem duplicidade de vida, porque as experiências são transmitidas e as crenças vividas. Quando criança, a noção do bem e do mal é ensinada pelos adultos da família, que aprovam ou não certas atitudes pertencentes às regras, com palavras, explicações e ações que respaldam a orientação. Como foi dito anteriormente, a transmissão de valores se dá inicialmente no espaço familiar e não no ambiente escolar, porém, a comunicação entre a família e a escola deve existir, pois é na fase da educação infantil na escola que a criança assume outros papéis e relacionamentos, e gradualmente internaliza outros.

Quais são os valores familiares? Citarei exemplos de valores consistentes seguidos de algumas orientações.

- 1. Respeito** – demonstrar o quanto é ofensivo forçar alguma situação apenas para nos beneficiar ou realizar o que queremos, sem considerar o prejuízo a outros. Esse ensinamento permite aceitação e direito à liberdade de cada pessoa ou qualquer outro ser vivo existente na natureza.
- 2. Honestidade** – falar sempre a verdade e dar bons exemplos, ensinando com clareza e paciência. Este é um valor ético de grande importância na formação do caráter.



- 3. Responsabilidade** – ensinar a cumprir com as obrigações, sejam quais forem elas, combinadas com o grau de maturidade. Ter em mente que comprometimento não significa chatice.
- 4. Solidariedade** – ensinar a compartilhar, doar; o que não serve mais pra uns pode ser de grande utilidade pra outros. Ser generoso faz bem à alma e ao coração de quem doa e de quem recebe a doação.
- 5. Limites** – talvez seja o mais difícil mas deve-se passar o conhecimento de que “o meu direito termina onde começa o do outro”. A falta desse conhecimento certamente causará futuras frustrações.
- 6. Gratidão** – a gratidão se dá pelo reconhecimento da importância de um gesto, do valor de uma pessoa, de seu esforço. Praticar gestos verbais ou não verbais que expressem gratidão: falar obrigado, dar um abraço.
- 7. Tolerância** às diferenças – é na família que gerações e gêneros se encontram e se aprende as diferenças. Não ser preconceituoso no dia a dia também com relação à cor da pele, religião, peso e altura, time de futebol, dentre outros, será um bom exemplo de aceitar e respeitar a diversidade, afinal, não somos todos iguais e ser diferente é normal.
- 8. Humildade** – respeitar e tratar bem os outros demonstra que ninguém é melhor que ninguém. Admitir o próprio erro, pois não é sempre que se tem razão. Precisamos uns dos outros e todos têm seu valor, assim como suas fraquezas e limitações.

9. Empatia – ensinar a tentar compreender os sentimentos alheios e tudo mais que acontece com as pessoas ou qualquer outro ser vivo existente na natureza.

10. Perseverança – ensinar a ter força de vontade, não desistir diante dos obstáculos, acreditar no seu potencial. Elogiar os esforços para alcançar os objetivos.

11. Justiça – ensinar a reconhecer o que é justo e o que é injusto. Uma convivência é duradoura quando apoiada na justiça, onde direitos e deveres andam lado a lado. Estabelecer diálogo aberto considerando o poder do perdão e as capacidades, circunstâncias e deveres de cada membro, sem qualquer tipo de discriminação.

Onde há família, há amor, portanto acredite nos valores e na força que a sua família lhe transmitiu. Concluo esse artigo com o provérbio chinês: “Quando as raízes são profundas, não há razão para temer o vento”; e a frase de Madre Tereza de Calcutá: “O que você pode fazer para promover a paz mundial? Vá para casa e ame sua família”.

BIBLIOGRAFIA

- 44º Congresso Nacional da EPB – Valores que permanecem, valores que amanhecem
- Famílias e educação: parcerias? – Lúcia Aparecida Parreira (internet)
- Valores familiares: o que são, quais são os exemplos? – Bryan Longo (internet)
- Um amor de família – Expô Alfabeto (internet)



**CLÉLIO SOUZA**

Na EPB desde 1989 – e junto com Graça, atual Casal DR da EPB / Bahia



A FAMÍLIA CONFIA NOS VALORES QUE TRANSMITE?

“Quando a gente vive com os jovens, quando recolher os pedaços dos jovens é tarefa diária, chega-se rapidamente a perceber que, no fundo, somente há um problema, mas fundamental e essencial, problema que é altamente e profundamente existencial: o dos valores.”

...“Ora, o essencial está contido nesta simples mas abrangedora pergunta: quais são os valores que norteiam os jovens do nosso tempo?” (Pe. Paul Eugène Charbonneau – livro Valores. Que Valores? – pag. 8 - EPB 1984, XX Congresso Nacional)

Procuro embasar o que tenho a dizer nestas próximas linhas no que aprendi com nossos mestres nestes muitos anos de vivência na EPB, assim busquei na leitura dos diversos registros de anais de nossos congressos e artigos em revistas de nossas várias seccionais, a informação e fundamentação indispensáveis ao trato do tema. Também encontrei nas redes sociais algumas citações que são atribuídas a uma de nossas especialistas palestrantes dos últimos congressos, no caso Daniella Freixo de Faria, que diz: “(em Pais&Filhos) o maior problema das famílias de nossa época, é “a falta de confiança nos próprios valores. Estamos muito desconectados de nós mesmos.” Encontrei também a citação “Resgatar a ideia da família como um time...” e também: “Família é a alegria de crescermos juntos, mesmo que em momentos diferentes da vida. É amor, profundo amor e respeito pelo ser que se apresenta. É fazer parte desse time único, só seu, e que dia após dia vive grandes conquistas.”

Cada vez mais, a ética e a responsabilidade pessoal se tornam indispensáveis, visto que cada família tem que agir de acordo com o seu sistema de crenças e valores, firmando-se naquilo que acredita. Daí a questão: A FAMÍLIA confia nos seus valores? - Para responder a esta questão, em primeira análise penso que seria necessária uma pesquisa objetiva por dados estatísticos confiáveis



e abrangentes em toda a extensão dos significados de “valor familiar”. Não disponho disto, assim esta apreciação se restringe a uma observação panorâmica.

A atualidade tão conturbada no mundo todo, verdadeira revolução cultural, com guerra na Europa do Leste, alastramento da injustiça e crise de valores (e crenças) nas Américas de norte a sul, muito em decorrência ainda da pandemia e suas sombras, não teria permitido uma pesquisa livre destas influências, mas chama atenção para a importância desta questão diante do problema que é mundial e requer união de esforços para o enfrentamento, e a FAMÍLIA é a base de tudo na sociedade, pode ser a última “cartada” para a humanidade...

Toda crise tem atrás de si uma oportunidade, e pode ser que estejamos enfrentando uma crise de valores que tem suscitado tantos debates e dissensões nas redes sociais. Mas isto pode ser a oportunidade de um “freio de arrumação” pois que requer forte interação na família, isto implica a crença na sinceridade e lealdade entre outras qualidades, também a confiança. Os laços familiares são para sempre, assim têm que ser baseados na confiança, no amor e apoio incondicional.

Na relação familiar a confiança dos filhos está diretamente relacionada à segurança. Quando confiam em seus pais, eles conseguem se abrir e compartilhar seus problemas e preocupações. Uma criança que esteja so-

frendo bullying enfrenta traumas que afetam sua vida social e psicológica, se não confia nos pais, guarda pra si, e dói, o problema vivenciado.

Na adolescência e posteriormente, a unidade familiar se fortalece e sedimenta sobre os valores familiares que foram passados, o respeito, admiração, carinho e amor que fluem nos relacionamentos passam a ditar os passos que serão dados.

A internet trouxe muitos riscos, se os pais desconhecem o uso que os filhos fazem das redes sociais, estes podem se expor demais; a relação de confiança protege dos perigos. No caso dos jovens o “diálogo aberto” tem que ser construído na relação, para tanto é fundamental evitar as críticas desnecessárias e julgamentos injustos ou mal formulados, para facilitar a confiança de expor sentimentos e manter o ambiente harmonioso.

O fortalecimento da confiança (nos ensina a EPB há décadas) requer a abertura ao diálogo, porque é a melhor forma de conhecimento dos anseios, opiniões e prioridades do outro. Mas é indispensável a dignidade, confiabilidade, a presença diante das necessidades familiares. Fundamental também é compartilhar as decisões se estas impactam outros membros da família, mesmo os filhos que já têm idade para entender. Tudo que está dito até aqui requer um tempo “de qualidade” com a família, sem a presença das telas e redes sociais principalmente

às refeições, ou mesmo que seja apenas para um bate-papo. Esta confiança permite compartilhar sentimentos, ideias, planos, alegrias, tristezas, frustrações, tudo que possa encontrar um ombro amigo para se amparar ou um braço forte para ajudar. Requer coragem para reconhecer quando erra e pede desculpas pelas falhas, isto pode servir muito para aproximar uma família. Finalmente é fundamental plantar a semente da confiança entre as crianças desde a mais tenra idade. Tudo isso compõe os valores familiares pregados pela EPB. Confiar ou não é prerrogativa das pessoas, afinal “a vida é cheia de escolhas”.

É nosso dever diário desenvolver o nosso merecimento da confiança das pessoas...

Há que conquistar essa credibilidade através de atitudes do dia a dia mais do que por palavras. Com esta meta e esforço diuturno, você influenciará os demais a seguirem seu exemplo. Assim promessas têm que ser cumpridas, evite prometer quando sob fortes emoções, antes disso, reflita cada palavra. Não quebre a confiança das pessoas, guarde seus segredos confiados. Manter sempre o diálogo aberto, abra o jogo dos sentimentos feridos, antes de guardar mágoas. Mantenha-se fiel a si mesmo, sem fingimentos e medo de se abrir. Assuma sempre as responsabilidades por suas ações, não terceirize a culpa dos seus erros. Viva como humanos que somos todos, com amplas possibilidades de melhorar, ninguém é infalível pois que estamos todos em evolução. Aprenda a perdoar. Perdoe com a tranquilidade de saber que doerá menos que qualquer mágoa. Dedique o melhor do seu tempo para a família. Seja sempre honesto, principalmente consigo mesmo, mas use o bom senso, não precisa renunciar à cordialidade e doçura.

Sendo parte da cultura de um povo, a estrutura e funcionamento familiares se fundamentam em padrões de comportamento e modos de relacionamento, transmitidos de geração a geração, no modo de lidar com afetos e emoções, enfrentamento de conflitos, exercício de autoridade e estabelecimento de limites. Normalmente o que fomenta a insegurança entre os adultos quanto aos valores e crenças que receberam de família, são os questionamentos e mudanças observadas nas estruturas de autoridade parental, também os limites de aceitação de novos hábitos ou modas que chegam.

Como podemos dizer, valores não são criações individuais, mas pertencem às histórias das sociedades, eles estão sujeitos aos momentos históricos de um povo, desta forma não existem valores universais cristalizados, e são transmitidos na história dos indivíduos como um capital social que vem sendo formado e renovado pelas gerações.

MAS, E A FAMÍLIA, CONFIA NOS SEUS VALORES?

Ocorre que nos dias de hoje nos encontramos em uma vertiginosa profusão de propostas de mudanças, as tais “quebras de paradigmas”, que já se estendem aos valores pré-existentes. Mas não temos novos valores relacionais, estáveis, bem aceitos, há muita confusão ainda quanto à possibilidade de aceitação pois que necessita-se de muito tempo para vivenciar, questionar para depois efetivamente se adotar novos valores. É um período de transição que vivemos, de extrema complexidade porque muitos são os fatores de ordem política, religiosa e social, perturbadores ou mantenedores do sistema de valores familiares.

Finalmente, trago uma citação atribuída a Morin E. (2005) em artigo da “Psicologia em Revista” –vol. 24 nº2 Belo Horizonte - que afirma “*o excesso de complexidade pode destruir os limites, tornando flexíveis os laços sociais e, em contrapartida, a própria complexidade pode diluir-se na desordem e no caos, afetando os sistemas de valores das pessoas. Desse modo, uma sociedade de alta complexidade deveria garantir sua coesão, não somente por leis justas e instituições sólidas, mas também pela responsabilidade, solidariedade, inteligência, iniciativa e consciência dos indivíduos.*”

E concluo, então o relato de minha visão, de que a Família vive um dos maiores dramas da História, a crise de confiança em seus próprios valores (estes que vem sendo postos em discussão pelos mais bem intencionados, mas que vem sendo postos em cheque e expostos ao ridículo em verdadeiras campanhas de contracultura por minorias radicais e setores militantes de causas políticas que infiltram todas as instituições públicas, religiosas, sociais, midiáticas, muitas atendendo a interesses do “grande poder” internacional), e esta Família tem sido impotente para o enfrentamento tão desigual.

Mas como o Bem sempre vence o Mal, e a fé inabalável nisto é o motor das Famílias, temos como certo que a Família ainda confia em seus valores, e a luta continua com certeza de vitória. Ainda haverá algumas rugas, mas nunca houve guerra vencida sem perdas, e o sol continua nascendo em todos os lares, diariamente temos assistido as famílias saírem às suas fainas com a mesma alegria de sempre, e com certeza e confiança de que o pôr do sol apenas significa que nova oportunidade de vê-lo renascer em novas esperanças no amanhã.

FAMÍLIA é a base de tudo na sociedade, pode ser a última “cartada” para a humanidade...

**JANE CEZIMBRA**

Engenheira Civil. Junto com Reinaldo, é Casal Diretor Financeiro da Diretoria Executiva Nacional (DEN). O casal faz parte da EPB desde 1989.

Quais valores
norteiam a sua vida?

Qual a escala de
importância desses
valores para você?

Quais valores
você coloca em
prática nos seus
relacionamentos?

As pessoas com
quem você se
relaciona também
têm valores
importantes. Já
pensou nisso?



Valores relacionais

Podemos afirmar que pessoas com valores opostos não conseguem ter um relacionamento saudável. Porque assim como temos valores para a nossa vida, os nossos relacionamentos precisam ser alicerçados em valores convergentes.

Os valores compartilhados são a base para um código comum, uma bússola que acelera a tomada de decisão e une aqueles que compartilham esse código. Essa troca de energia, de conhecimentos e de emoções é de fundamental importância para o bem-estar individual, pois, por meio de conexões sinceras e positivas, baseadas na empatia, no respeito e no amor, acabam por refletir não apenas na vida pessoal como em seu entorno.

A maneira como as pessoas veem o mundo é essencial para um relacionamento sadio, feliz e duradouro entre elas.

Respeito mútuo - é o principal elo de um relacionamento. É o que nos mantém juntos e confiantes um no outro. Mesmo em tempos muito difíceis. O respeito mútuo é uma necessidade absoluta para que possamos viver um relacionamento salutar. Sem ele, nada avança.

Companheirismo - é muito prazeroso estar junto com o outro e poder falar sobre tudo sem constrangimento – como nos sentimos, o que nos incomoda e magoa, o que nos dá prazer. Os sentimentos compartilhados são essenciais num relacionamento. A capacidade de resolver problemas e atingir objetivos comuns nos faz mais leves e muito mais felizes.

Amizade - um relacionamento sólido é construído a partir de uma amizade profunda e verdadeira baseada na confiança e na segurança. À medida que esses elementos são plantados e fortalecidos, o relacionamento cresce e amadurece.

Perdão - Perdoar é muito bom, mas exige bastante autoanálise, atenção e dedicação. Ele nos ajuda a entender a nossa dor para que tenhamos maior probabilidade de voltar a confiar. Frederick Luskin nos mostra outros benefícios do perdão: reduz a pressão sanguínea em pessoas muito estressadas; ameniza a tensão muscular; diminui os riscos de doenças cardíacas; melhora o sistema imunológico; reduz o estresse e a depressão.

Flexibilidade - não significa que precisamos abrir mão da nossa opinião ou dos nossos valores. Ser flexível é ter a capacidade de ver as coisas do ponto de vista do outro para entender e trabalhar juntos para encontrar boas soluções para os problemas que surgirem.

Além desses valores fazerem a diferença nos nossos relacionamentos, existem alguns comportamentos que nos ajudam a viver e conviver muito bem com todos ao nosso redor.

Marcus Marques (empresário e empreendedor) nos dá algumas dicas de comportamentos para um bom relacionamento interpessoal.

Seja cordial - um "bom dia", "obrigado", "por favor", "com licença" com um sorriso no rosto faz toda a diferença no seu dia e no dia da pessoa que recebe.

Ouçá mais - precisamos fazer este exercício diário de ouvir mais e falar menos. Você pode sim e deve dar opiniões e sugestões sempre que necessário.

Empatia - é um comportamento chave em todos os tipos de relacionamentos. Entender o que o outro passa e como ele se sente fará com que as suas relações deem um salto incrível de melhoria. Lembrando sempre que você não deve se esquecer dos seus próprios anseios e expectativas, já que você também é parte importante nas relações que desenvolve ao longo de seu caminho.

Seja otimista - ver o lado bom das coisas, independente se foi algo ruim ou não, pois de pessimistas o mundo está cheio e precisa ser mais contaminado por atitudes de amor e colaboração. Esta também é uma excelente maneira de você tornar suas relações ainda mais leves, confiantes e seguras.

Julgue menos - aceitar, sem julgar, as pessoas como elas são, com seus defeitos e qualidades, tentando sempre entender seus comportamentos e se colocar no lugar de cada uma delas, compreendendo também suas dores.

E Marcus Marques ainda nos diz que esses comportamentos servem, não só para ajudar o outro, mas para nos ajudar também, pois a autoaceitação também é essencial para a nossa própria felicidade.

Outro valor muito importante é a ética nas relações interpessoais.

É necessário um código de ética que permita um bom convívio entre as pessoas.

Isso nos torna mais leais e transparentes - com os valores muito mais consistentes.

Demonstramos nossos valores através das palavras e atitudes que serão o resultado do nosso estado emocional e dos nossos pensamentos.

Nancy Assad, no artigo **Ética**: a força da linguagem nas relações interpessoais, afirma:

"O princípio da ética também se aplica a relações humanas dentro das organizações. Expressões de valores positivos em um ambiente profissional provoca ternura, compaixão, perdão e esses sentimentos não devem ser reprimidos em nome da razão nos cenários corporativos, uma vez que a ética zela pelo bem comum e são necessários para a evolução do homem, tanto moral quanto social e profissional".

Sejamos exemplos de conduta em todos os ambientes que transitamos.

Façamos a diferença em todos os lugares que pisamos.

REFERÊNCIAS:

<https://match74.com>
<http://marcusmarques.com.br>
<https://www.uol.com.br/vivabem>



**MARIA CONCEIÇÃO MORAES DE ARAÚJO**

Licenciada em Pedagogia (FSSA).
Pós-Graduada em Coordenação Pedagógica (FSSA).
Especialista em Metodologia do Ensino Superior
(FVG). Pós-Graduada em Educação Digital (UNEB)

VALORES ÉTICOS E MORAIS A RESPONSABILIDADE DA FAMÍLIA NUMA PERSPECTIVA AXIOLÓGICA.



O presente ensaio tem por objetivo demonstrar a importância do despertar da consciência ética e dos valores morais no âmbito familiar, tendo em vista que, através da família as pessoas começam a formar a sua personalidade e adquirir seus valores, observado o convívio com aqueles que compõem o núcleo familiar.

Com a evolução social, houve um redirecionamento do conceito de valores na sociedade, o que, consequentemente, tem impactado na forma como esses ensinamentos tem sido passado para a nossa futura geração. Ademais, é imperioso que a ética e a moral sejam evocadas como princípios estruturantes não só da família, mas de toda a sociedade.

Doravante, a presente abordagem equaciona família e a ética tendo como parâmetro pensamentos de autores acerca desta temática, na busca de um estudo profícuo da família contemporânea, de forma que a ética e a moral venham ser o cerne do aprimoramento e do desenvolvimento comportamental das relações familiares.

A *priori*, faz-se necessário uma análise da origem etimológica da palavra ética, a qual deriva do grego (*ethos*), e significa conduta, uso, costume, já no campo filosófico pode ser traduzida pelas ideias de “lugar, residência e ambiente”. Não obstante, a Moral vem do latim (*mos, moris*), que significa costume ou procedimento habitual. (DIAS, 2016, p. 58).

No entanto, ainda há pessoas que confundem os termos ética e moral, razão pela qual, torna-se inescusável distinguirmos os conceitos, assim vejamos:

- Ética representa o estudo de padrões morais consolidados, regulando as relações humanas;
- Já a Moral, por sua vez, está relacionada aos deveres e obrigações dos indivíduos e da sociedade.

Nessa toada, podemos afirmar, portanto, que a família é a base de sustentação de toda a sociedade, com a finalidade de constituir um lar, em seu sentido estrito, nutrido de bons sentimentos e ensinamentos, que será

responsável pela formação dos valores dessa sociedade, sobretudo, pelo caráter positivo ou negativo dessa nova identidade.

Ademais, podemos asseverar, portanto, que a família seria como um filtro, processando e elaborando as transformações ocorridas no contexto social mais extenso, edificando barreiras protetoras capazes de impedir a influência de tudo aquilo que for considerado indesejável ou que não estejam compatíveis com um comportamento ético daquele núcleo familiar, obstando assim, possíveis condutas negativas que pudessem ser reproduzidas por seus filhos.

Arrematadas essas considerações, faz-se oportuno aqui registrar, algumas lembranças que me vem na memória, as quais guardo com muito carinho e apreço, e que me trazem uma certa nostalgia, recordações de um tempo que sinto saudade e que não voltam mais: o afeto da minha mãe, a figura do meu pai e o carinho dos meus irmãos, momentos que marcaram minha geração e me deixaram ensinamentos, que reproduzo para o meu filho, ainda que involuntariamente, através de gestos, falas, entre outras características que em mim ficaram gravadas. Assim, percebemos que a ética perfaz todo esse contexto, na preocupação e pelo cuidado das coisas e para com o outro.

Diante disso, é notório que os pais precisam ter consciência de que a responsabilidade pelo futuro dos filhos e pela transmissão de valores recai sobre suas mãos, não devendo em hipótese alguma, sub-rogar à escola ou a quem quer que seja tal compromisso.

Outrossim, os fundamentos éticos e morais trazidos pela influência religiosa, em especial o cristianismo, tem uma participação fundamental na estruturação social, atuando simultaneamente com a família, coadunando seus valores cristãos que formam a base dessa instituição. Prova disso, são os inúmeros fragmentos que podem ser retirados do texto bíblico como exemplo. Assim, nos atentemos para dois deles:

“Ensina a criança o caminho que deve andar e ainda quando for velho, não se desviará dele.”

(Provérbios 22:6)

“Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo e se entregou por ela.” (Efésios 5:25)

Nota-se, portanto, que, conforme delineado anteriormente, os valores éticos e morais da religião estão arraigados na família de forma positivamente direta, nos dando direcionamentos sobre como conduzir a família, de maneira a respeitar a particularidade de cada integrante, seja ele filho, esposo/esposa, buscando sempre a harmonia entre aqueles que compõem o núcleo familiar.

Por fim, após analisarmos a família sobre seu prisma axiológico, notamos que, a ética nesse contexto familiar refere-se ao altruísmo, significa dizer, portanto, que há uma necessidade imperiosa de preocupar-se com o outro, de saber de seus anseios, e, acima de tudo, de não lhes causar prejuízos.

É muitas vezes considerada uma ética extremada, onde, sacrifica-se seus interesses pessoais em prol do bem-estar da família, ou também pode ser vista como uma ética imparcial no convívio familiar, ou seja, aquela que busca o melhor para os interesses individuais, mas também convergindo com os interesses dos demais familiares.

O fato é que, para a família funcionar de forma plena, os valores éticos e morais precisam estar bem estruturados, ao ponto de, nem mesmo as más influências que confrontam os ensinamentos basilares defendidos pela família, possam abalar a identidade daqueles indivíduos formados pelo núcleo familiar.

Em meio a essa complexidade, nossas ações e comportamentos no dia a dia são motivados por valores morais, que são induzidos durante o processo de socialização, quer seja pela família ou por instituições presentes na sociedade. Pois é nesse vínculo familiar que são transmitidos os valores morais e sociais que servirão de alicerce no processo de socialização da criança e do adolescente, assim como as tradições e os costumes trazidos de gerações.

Em suma, a família é vocacionada a ser lugar de troca de carinho, aconchego, amor; é propensa ao regozijo, à possibilidade de recarga de energia e ao alinhamento (ou re-alinhamento) de emoções.

REFERÊNCIA:

- BIBLIA, N.T. Provérbios. Efésios. Português. In: Bíblia sagrada. Reed. Versão de Antonio Pereira de Figueiredo. São Paulo: Ed. Das Americas, Cap. 22, vers.6. Cap. 5, vers. 25
- DIAS, Maria Berenice. Manual de Direito das Famílias. 11ª ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2016.
- Lama, Dalai. Uma ética para o Terceiro Milênio, Sextante. / 8 Nicholson, Michael. Mahatma Gandhi. Ed. Globo, 1993.

**DJALMA FALCÃO**

Geofísico, Economista, Mestre em Família na Sociedade Contemporânea pela UCSAL.



VALORES DA ESPIRITUALIDADE E GRATIDÃO

“Espiritualidade é o aspecto da humanidade que se refere à maneira como os indivíduos buscam e expressam significado e propósito e como eles vivenciam sua conexão com o momento, para si mesmo, para os outros, para a natureza e para o Sagrado” (*Christina Puchlski*)

“A Gratidão é algo que pertence à nossa realidade enquanto seres humanos e pode ser concebida como uma resposta positiva a um benefício proporcionado por uma entidade exterior, daí que seja pertinente perceber de que modo influencia a vida daqueles que a praticam” (*R. A. Emmons*)

RESSIGNIFICANDO a ESPIRITUALIDADE

É uma conexão profunda com a dimensão interior do ser que leva ao reconhecimento de si mesmo e do seu lugar no mundo. “É a fonte entre o **mundo externo**: moderno, material, cheio de desejos e necessidades do homem e o **mundo interno**: espiritual, invisível, onde o homem está consciente de si e conectado a uma consciência superior e coletiva” (Mariana Nahas). Isto implica ir um pouco além do auto-conhecimento e adentrar as dimensões internas da alma que não vive apenas para suprir as necessidades básicas do corpo. Nunca é demais salientar que a espiritualidade é uma busca do ser humano por um reencontro com a sua essência, ligando-se a algo maior que si próprio. É um grande passo para o Divino que leva a uma busca pessoal de compreensão das questões existenciais humanas, como o sentido da vida e da morte, bem como de suas relações com o Sagrado, o Inalcançável. Permite-nos fazer a experiência da **profundidade** da **captação do simbólico** em nossa existência.

Em trabalho anterior (Espiritualidade e negócios podem coexistir neste tempo de Covid?), para esta mesma revista, eu salientava, citando Teilhard de Chardin que “acima da grandeza descoberta da Humanidade reaparece em nosso universo mais moderno o rosto de Deus”. Sugestiva frase que expressa o profundo significado da Espiritualidade. Isto nos conduz a indagar: Quais **valores** podem ser destacados no exercício de nossa espiritualidade? Não se

perca a lembrança de que **valor** é um investimento afetivo que move a ação em determinada direção. Toda conduta humana visa a um fim, o qual tem um valor paulatinamente desejado, almejado e construído.

VALORES DA ESPIRITUALIDADE

Para que o ser humano possa estabelecer um relacionamento profundo com Deus, fora do plano material, é fundamental cultivar certos valores sem os quais dificilmente se conseguirá atingir aquele estágio de elevação moral que possibilita a comunhão com o Criador. Dentre outros destacamos:

- a. **Harmonia** - permite que os seres humanos anseiem pelo bem-estar de tudo ao seu redor. É um estado de paz e realização que faz com que a alma se mova em direção à felicidade.
- b. **Verdade** - que no dizer de Miller & Miller “é a última expressão da Divindade”. A verdade é a transparência com nossas atitudes em relação ao outro e à vida. Viver de acordo com o valor espiritual da Verdade é viver da maneira consistente com nossas convicções, sem concessões ou omissões.
- c. **Caridade** - progresso espiritual que significa exceder os limites do ego. A caridade traz consigo alegria genuína e profunda por fazer o bem a outras pessoas, sem ter muito em mente o que é dado. Sentir a dor do outro como

se fosse sua, encontrar um remédio para essa dor sem esperar nada em troca. É a solidariedade que nos ensina a ver e sentir a irmandade que une e fortifica.

- d. **Fé** - pode ser descrita como “o conhecimento da alma que a mente ainda não domina” (Stapleton). A fé é a afirmação contundente de que existe uma divindade mais alta, disposta a contribuir para nosso desenvolvimento pessoal e bem-estar. O valor da fé ajuda os seres humanos a atenuar suas preocupações, a não perder a esperança e enfrentar a vida sem temor.
- e. **Esperança** - não é um valor efêmero, ascende a nível sobrenatural que nos leva a uma crença de continuidade após a morte. É a possibilidade de sonhar e opera como um motor da vida. Viver sem esperança é preencher seus dias com lamentações, frustrações e até desespero. É ignorar quanto o Criador nos dotou de ânimo, fortaleza e, sobretudo recursos morais dos quais todos podemos, e devemos, utilizar para a superação dos infortúnios. É a esperança, aliada à fé, que nos leva a encontrar dentro de nós mesmos as respostas para as questões que nos afligem.

São os valores da espiritualidade que constroem o que Stephen Covey chama de a “mentalidade evolutiva”, ou seja nos leva a um aperfeiçoamento pessoal de um estado de dependência ao estado de interdependência relacional.



GRATIDÃO

“A gratidão não é apenas a melhor das virtudes, mas a mãe de todas as outras” (Cícero).

Seus valores estão intimamente relacionados com a bondade, a beleza de dar e receber, de partilhar, de ser gentil e generoso, de retribuir.

A gratidão facilita essencialmente o bem-estar subjetivo e o fortalecimento das relações interpessoais. A gratidão é algo inato à experiência humana. Expressões de gratidão têm sido consideradas nas mais diversas culturas e épocas como aspectos básicos e desejáveis da personalidade e da vida social. A gratidão é uma força de caráter. Aqueles que a possuem têm consciência do bem que lhes acontece. Enquanto emoção, transmite maravilhosamente agradecimento e gosto pela dádiva oferecida. A gratidão não é tão somente um sentimento, mas reconhecimento de que houve alguém que nos presenteou com sua bondade, independente de nós próprios e das nossas ações.

Nos ensina Emmons que há, pelo menos, duas condições que potenciam a experiência da gratidão:

- a. **Valorização** - do que gratuitamente se recebe.
- b. **Gratuidade** - sensação de que a dádiva se trata de um gesto em que não há qualquer interesse de obter algo em troca. É essencialmente um valor moral com base na empatia. Daí que os significados do dar e receber influenciam a vivência de um forte sentimento de reconhecimento.

Viver num estado de gratidão é estar em harmonia com o que somos. Saber agradecer é uma arte que precisa ser desenvolvida. Não existe passividade no gesto de profunda sinceridade do agradecimento. Quem experiencia a gratidão apresenta uma maior sensação de união, sentindo-se mais conectados uns com os outros e uma transbordante alegria de viver. A “vida não é uma cebola que se descasca chorando” (Armand Masson). Devemos sempre torná-la alegre e leve, lembrando a lição de Epicuro: “As pessoas felizes lembram o passado com gratidão, alegram-se com o presente e encaram o futuro sem medo”.

“Fé é o conhecimento da alma que a mente ainda não domina”
(Stapleton)

SÍNTESE A TÍTULO DE CONCLUSÃO

O ser humano é o resultado de uma cadeia de inúmeros encontros, gestos, sentimentos e afetos. Na busca da espiritualidade nos deparamos sempre com a grandiosidade do Absoluto a quem devemos todos os dons que gratuitamente nos foram dados. Dele recebemos o bem mais precioso, **a nossa vida**, pela qual devemos ser permanentemente agradecidos. A gratidão deve assim ser um inafastável estado de espírito. Entrelaçam-se, desse modo, a **Espiritualidade** que nos aproxima do Transcendente e a **Gratidão** que nos faz reconhecer quão ínfimo é nosso agradecimento face à imensa dádiva da qual somos permanentes devedores.

Diz-nos Zíbia Gasparoto:

“A gratidão é um sentimento de amor que eleva nosso espírito e nos une a Deus”.

“A vida não é uma cebola que se descasca chorando”
(Armand Masson)

FONTES:

- Chardin, P. T. “O Fenômeno Humano” – Livraria Tavares Martins - Porto
Covey, S. R. “Os sete hábitos das pessoas altamente eficazes” – Ed. Best Seller - SP
Emmons, R. A. “Obrigado! Como a gratidão pode torná-lo feliz” -Ed. Alfragile - Porto
Miller, D. & Miller, W. - in Scholar.google.com.br, publicado 01/09/2011



**ANA PAULA DE OLIVEIRA TEIXEIRA**

Médica, Psicoterapeuta, Consultora, Palestrante

Ajudo pessoas a terem clareza sobre quais caminhos precisam percorrer para alcançarem uma vida com mais sentido e realização.

A FAMÍLIA

Frequentemente nos deparamos com discussões a respeito da importância dos valores humanos, especialmente os familiares. Trazemos historicamente a crença de que a família é a célula mater da sociedade, mas essa vem passando, juntamente com o Estado e o mercado, por um processo de transformação.

No passado, por exemplo, todos tinham que estar à mesa para as refeições, independentemente da qualidade de vínculo afetivo que existia naquele grupo que, teoricamente, seria um espaço de proteção, segurança, ordem. Havia uma orientação verticalizada, onde o pai detinha o poder das decisões e os demais familiares tinham de obedecê-lo. Com a progressiva entrada das mulheres no mercado de trabalho, a complexidade de vida nas grandes cidades e a chegada da web, a horizontalização nas relações sociais passou a ser a regra, exigindo esforço maior para a celebração desses encontros, e, as pessoas, que compactuam conviver da forma mais agradável possível, agora possuem mais liberdade para escolher o que, como, com quem e quando podem estar reunidas.

Esse processo de individualização das escolhas, tem sido potencializado com as funções do Estado e do mercado sobre a formação das pessoas na medida em que o cuidado, segurança, previdência e educação passam a ser, com eles, compartilhados na contemporaneidade. Na medida em que a grande família do passado tem dividido esses papéis com esses setores, ela acaba servindo como transição, e não mais como referência, para que o indivíduo, ao final, acabe tendo que assumir o seu próprio cuidado, a sua segurança pessoal, a sua previdência e sua educação.

CAPACIDADE CRÍTICA PARA VIVENCIAR OS VALORES

Outra mudança importante é sobre o conceito de família, antes sustentada no modelo patriarcal, baseada no matrimônio heterossexual e na procriação como dever imperativo às mulheres. Atualmente, o Direito já assume que a constituição familiar se fundamenta no afeto e dividido, sendo um avanço relevante, permitindo que esse núcleo possa ser representado por uma diversidade de tipos: monoparental, anaparental, unipessoal e homoafetiva. Esses novos modelos ainda geram questionamentos, demonstrando o desafio a ser enfrentado para que o avanço conquistado seja legitimado.

A despeito desse cenário narcísico e de aparente desconstrução, a família enquanto célula viva ainda é o local onde vamos buscar, em último lugar, as respostas para o que não sabemos e o que o mundo não nos oferece. Até porque, nem ela, nem o Estado e nem o mercado vão nos dar todas as respostas e, assim, teremos que criar nosso caminho e nos responsabilizar por ele, fazer nossas escolhas, “adulterar”, nos individualizar para viver uma vida sustentada nos valores que foram aprendidos nesse espaço de convivência.

E mais, é a família positivamente afetiva que constitui a principal referência para a aquisição e prática dos valores primordiais da existência.

OS VALORES

Valores são como bússolas que, desde a antiguidade, permitiam aos filósofos indagarem-se sobre eles próprios, afinal, diferente dos animais, apenas nós, os humanos, discernimos entre o “bem” e o “mal”. Eles estão intimamente relacionados às nossas necessidades e desejos. Alguns autores os classificam de várias formas, como valores pessoais, sociais, culturais, religiosos, profissionais, econômicos.

Eles são íntimos, únicos, mesmo que um determinado grupo de valores possa ser mais relevante em um núcleo, comunidade, sociedade considerando, também, a temporalidade porque, os conceitos de “certo” e “errado” ou

“justo” e “injusto” entre outras categorias morais e éticas são questionados, a depender de cada época.

Quando um valor deixa de existir, logo ele é substituído. Às vezes essa mudança é positiva: quando a colaboração substitui a competição, por exemplo. Negativa, quando a intolerância prevalece pela incapacidade de conviver com as diferenças, fruto de uma crise do modelo verticalizado nas relações sociais, pós internet, com impactos em todas elas, exigindo discernimento dos papéis sociais, inclusive em defesa da democracia.

O fato é que os valores humanos que aqui chamo essenciais, devem ser atemporais porque, positivos para qualquer sociedade, suportam suas crises por constituírem a concepção da excelência humana, como compartilha Marilu Martinelli: princípios da Paz, Amor, Verdade, Ação Correta e Não Violência. Esses, vistos em muitas filosofias e diferentes religiões, podem ser exercidos de diversas formas como: empatia, resiliência, honestidade, coragem, respeito, tolerância, justiça, bondade, responsabilidade, humildade, modéstia, gratidão, amizade, lealdade, altruísmo, compromisso, bondade, auto perdão, dentre outros.

Pensemos: Quais desses valores marcam a nossa família?

Vale ressaltar que, como o Estado e o mercado também promovem (e refletem) valores de grupos a partir de múltiplos interesses e, de alguma forma, tutelam seus membros, eles influenciam diretamente sua promoção, de forma positiva ou negativa. Essa é uma variável que não pode ser menosprezada pelo seu grande impacto sobre as pessoas, especialmente em seu processo de formação.

Os valores vinculados à concepção da excelência humana podem até entrar em crise, mas é nossa responsabilidade criar meios para promovê-los e sustentá-los. Dentro dessa perspectiva, reflitamos sobre alguns dos desafios do mundo pós-moderno: o enfrentamento das múltiplas escolhas, as incertezas, as verdades temporárias, os questionamentos, os influenciadores como novas referências de padrão.

A VIVÊNCIA

Somos ávidos por conhecimento, que se consolidam em nosso cérebro na medida em que vivemos ricas experiências que estimulam os sentidos ou sensações (tato, paladar, olfato, visão, audição) e, conseqüentemente, nossas emoções. Ou seja, apesar da teoria ser importante, nada substitui a vivência para a consolidação dos aprendizados.

Infelizmente, mas também utilizada como memória para habilidades de sobrevivência ao longo da evolução humana (mecanismo de defesa), as experiências negativas possuem um poder de “fixação” maior em nosso cérebro, motivo pelo qual precisamos ter acesso e repetir as experiências positivas com maior frequência ao longo da vida, especialmente para o bom funcionamento das funções cognitivas como o pensar, o induzir, o raciocinar e o tomar decisões.

Destaca-se, porém, que fatores estressores crônicos como aqueles atrelados às consequências da desigualdade social tais como pobreza, violências, doenças, perdas afetivas desde a infância, podem prejudicar esse processo bio sócio psiquicamente. Ou seja, a depender da qualidade afetiva e estrutural de cuidado e proteção (Família, Estado e Mercado), a vivência dos valores poderá estar prejudicada fortemente.

As emoções são, portanto, bases para as funções da aprendizagem. E, como os valores, devem ser positivamente exercitados (fixados). Um ambiente propício a esse desenvolvimento é essencial.

SER VISTO

Por que algumas pessoas conseguem sustentar criticamente os valores recebidos ou vividos? Será porque possuem “boa genética” ou “boa índole”? Acredito que, fundamentalmente, essas pessoas foram e se sentiram vistas, respeitadas.

Quem não é visto, não é amado, não é protegido, não é cuidado e, assim, pode se sentir excluído, abandonado, rejeitado, humilhado, trocado, e o exercício, a experiência dos valores nesse núcleo começa a ser comprometido. É uma falta gigantesca.

O processo de ser visto começa com a mãe que ama, alimenta seu filho no colo olhando para ele; é o sorriso, o abraço, a orientação, a correção, o limite, o ajuste educador, o estímulo. São formas de dizer: eu te vejo, te reconheço e te respeito. Porque, só assim, haverá permissão para que essa pessoa, em desenvolvimento, reconheça a si e se permita expressar, na vida, os valores que começa a aprender; aqueles que lhe fazem sentido.

Sendo bom, terá força para continuar no exercício da bondade, mesmo que o achem bobo; se é pacífico, terá coragem de questionar, com leveza e argumentos, seu amigo ávido por comprar a próxima arma na loja da esquina, do porquê dessa ação; se é um altruísta, persistirá nas ações mesmo que seja alvo de críticas.

Talvez, o maior desafio do mundo pós moderno que estrutura as bases do individualismo, seja tornar a família, aquela consanguínea ou a que escolhemos, o espaço verdadeiro de troca de experiências afetivas, que tem, como foco, um lugar insubstituível para alguém ser quem veio a ser, no exercício dos valores que o fazem humano.

A ESCOLA DE PAIS EM AÇÃO

O QUE É A EPB:

A Escola de Pais do Brasil (EPB) é uma entidade de trabalho voluntário, gratuito, sem fins lucrativos, aberta a conexões com todas as raças, credos políticos ou religiosos e condição social de seus membros. O trabalho é preventivo, orientativo, com metodologia própria e aborda problemáticas reais e educativas nos grupos atuantes em todo Brasil.

O QUE FAZEMOS:

Somos uma instituição que orienta famílias no processo educacional com o intuito de gerar impacto positivo na sociedade.

Temos a missão de levar informação e apoio para todas as famílias, estimulando e incentivando relacionamentos familiares mais conscientes.

Nos destacamos das demais organizações pela humanização e conexão significativa com o nosso público, valorizando e respeitando as particularidades e experiências de cada um.

Escola de Pais do Brasil, orientando famílias para transformar o futuro.

COMO FUNCIONA A EPB

CÍRCULOS DE DEBATES PRESENCIAIS

Os Círculos de Debates são a base sobre a qual se apoia o fundamento da Escola de Pais do Brasil (EPB). Eles ocorrem uma vez por semana, durante 7 (sete) semanas, com duração aproximada de uma hora e trinta minutos. Estes encontros se realizam em colégios, clubes, empresas, igrejas ou em qualquer lugar onde haja a possibilidade de reunir pessoas preocupadas com a educação das crianças e/ou adolescentes.

O trabalho se realiza em todo o território nacional, obedecendo as mesmas normas e seguindo um mesmo tema, porém respeitando as particularidades regionais e dos participantes.

TEMÁRIO DOS CÍRCULOS DE DEBATES:

- Educar é um desafio
- Valores e Limites na educação
- Pai, mãe e agentes educadores
- A educação do nascimento à puberdade
- Adolescência: o segundo nascimento

- A sexualidade no ciclo de vida da família
- Cidadania e cultura da paz

CÍRCULOS DE DEBATES VIRTUAIS

Os objetivos e assuntos abordados são os mesmos dos **Círculos de Debates Presenciais**.

A principal vantagem desta modalidade é a facilidade na participação (sem a necessidade de deslocamento físico até um local único para todos os participantes), sendo necessário somente **acesso à internet**.

Os círculos de Debates Virtuais são oferecidos de duas maneiras distintas: **Online** e à **Distância**.

PALESTRAS

Momentos especiais de compartilhamento de conhecimento em que a EPB é convidada a falar sobre os mais diversos assuntos ligados à educação, relações sociofamiliares e afins.

Normalmente estes eventos são abertos ao público em geral e podem ocorrer de maneira presencial ou on-line.

Há uma modalidade de palestra transmitida ao vivo no canal do Youtube da EPB, que são os Webinars.

SEMINÁRIOS

Ocasão em que a EPB divulga e compartilha seus conhecimentos com o público em geral.

A comunidade é convidada a participar e, assim, tomar conhecimento do que é a EPB. Os seminários são realizados com participação de especialistas convidados ou então com algum associado conhecedor do assunto abordado/sugerido.

Podem ser realizados de maneira presencial ou online, modalidade que foi adicionada em tempo de pandemia, possibilitando a participação de pessoas do mundo inteiro.

Adicionalmente existem eventos internos, destinados aos associados da EPB, que incluem Revisões e Reuniões Inter-regionais.

Para conhecer a agenda de eventos programados da Escola de Pais do Brasil, consulte nosso site: escoladepais.org.br



DIRETORIA EXECUTIVA NACIONAL DA EPB**CASAL PRESIDENTE**

Iracema Lourdes Simioni Wobeto

José Alberto Wobeto

Grande Florianópolis • Presidente da DEN

CASAL VICE-PRESIDENTE

Marlene de Fátima Merege Pereira

José Carlos Pereira

Curitiba • Vice-Presidente da DEN

CASAL DIRETOR DE DOCTRINA

Teresinha Bunn Besen

Brani Besen

Grande Florianópolis • Diretora de Doutrina

CASAL DIRETOR DE COMUNICAÇÕES

Sônia Maria Ferreira Santos

José Geraldo dos Santos

João Monlevade - MG • Diretora de Comunicação

CASAL DIRETOR FINANCEIRO E PATRIMONIAL

Joana Angélica Ferraz Campos Cezimbra

Reinaldo Almeida Cezimbra

Salvador • DEN - Diretoria Financeira

CASAL DIRETOR DE CONGRESSO

Cinthia Santini Alves de Oliveira

Célio Alves de Oliveira

Joaçaba e H. D'Oeste • Diretora de Congresso

CASAL DIRETOR DE INTEGRAÇÃO NACIONAL

Marama Farias Labrunie

Marcos Moraes Labrunie

Salvador • Diretor de Integração Nac.

CASAL DIRETOR ADMINISTRATIVO

Mariles Ansiliero Borges de Oliveira

Anilton Tadeu Borges de Oliveira

Videira • Doutrina Secc. Videira

**CASAL DIRETOR DE NORMATIZAÇÃO
E APOIO ÀS SECCIONAIS**

Vera Lúcia Canal Spricigo

Orlando Spricigo

Videira • Diretora de Normatização e Apoio às Secc.

**CASAL DIRETOR DE RELAÇÕES PÚBLICAS
E SOCIAIS**

Leide Gomes Leal Costa

Francisco Carlos Costa

Anápolis • Diretora Adj. Relações Públicas e Sociais

CONSELHO FISCAL**1 - TITULAR**

Celso Luiz Christ

Erechim • Diretoria Social

2 - TITULAR

Lorivanda Barbosa de Oliveira Neto

Campo Grande • RN de Mato Grosso do Sul

3 - TITULAR

Miguel Rosa dos Santos

Goiânia • Ex Diretor Financeiro DEN

4 - SUPLENTE

Jairo Marcelo Santos

Alagoinhas • Associado

5 - SUPLENTE

Suzivane Batista da Silva Amaral

Recife • Diretoria Financeira

6 - SUPLENTE

Hélio de Almeida Gomes

Belo Horizonte • Diretoria de Divulgação

DIRETORIA DA EPB SECCIONAL SALVADOR**PRESIDENTE DE HONRA**

Casal Ceres Laert Cotrim Sampaio e
Nilton Sampaio (in memoriam);

CASAL PRESIDENTE DA SECCIONAL

Marama Farias Labrunie
Marcos Moraes Labrunie;

CASAL DIRETOR DE DOCTRINA

Joana Angélica Ferraz Campos Cezimbra
Reinaldo Almeida Cezimbra;

CASAL DIRETOR FINANCEIRO

Maria Auxiliadora Villas Boas
Jaziel Villas Boas;

CASAL DIRETOR SECRETÁRIO

Ana Rosa de Oliveira Souza
Anníbal Leite de Souza Filho;

CASAL DIRETOR DE DIVULGAÇÃO

Maria das Graças Oliveira Souza
Clélio Oliveira de Souza;

CASAL DIRETOR DE EVENTOS

Maria Izabel Passos Imbiriba
José Luiz de Lalor Imbiriba;

CASAL DIRETOR SOCIAL

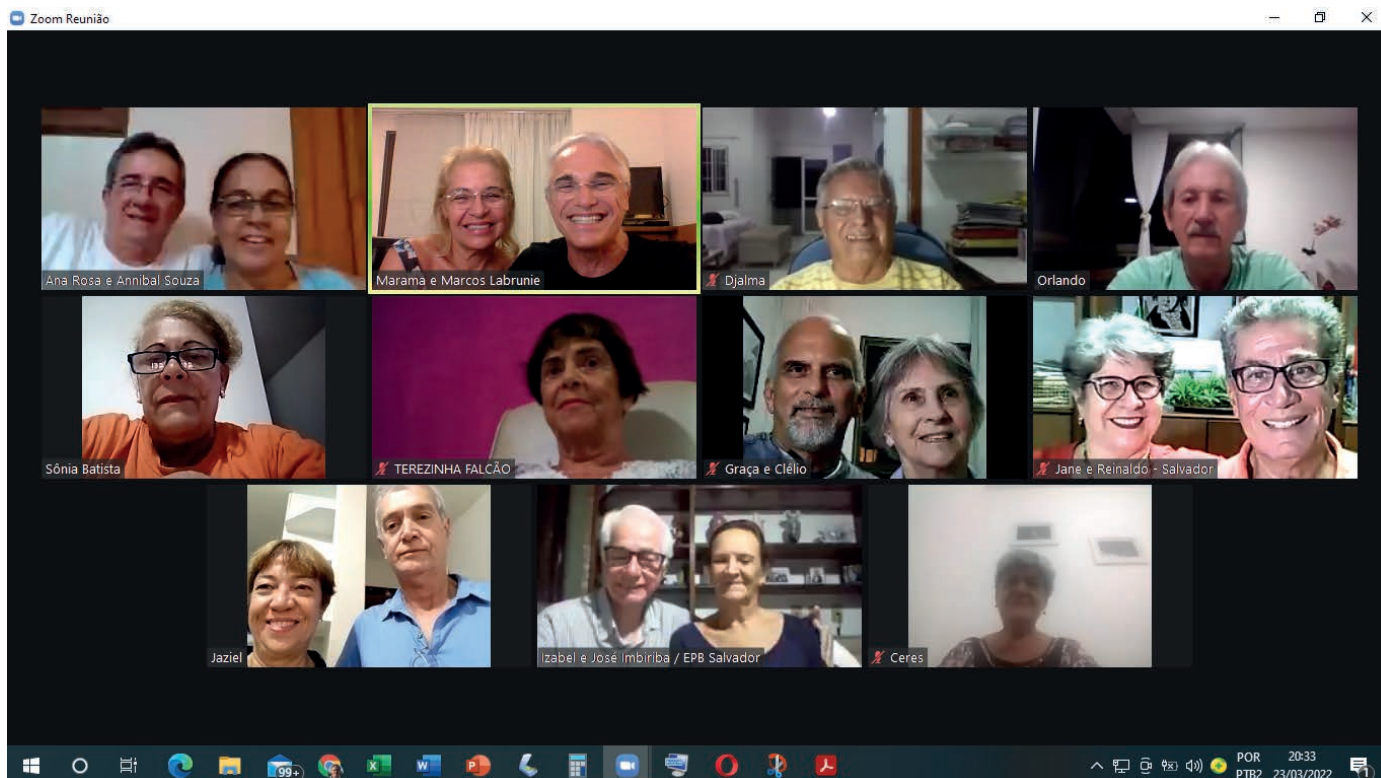
Rosilda Xavier Medeiros e Marcos de Souza Medeiros;

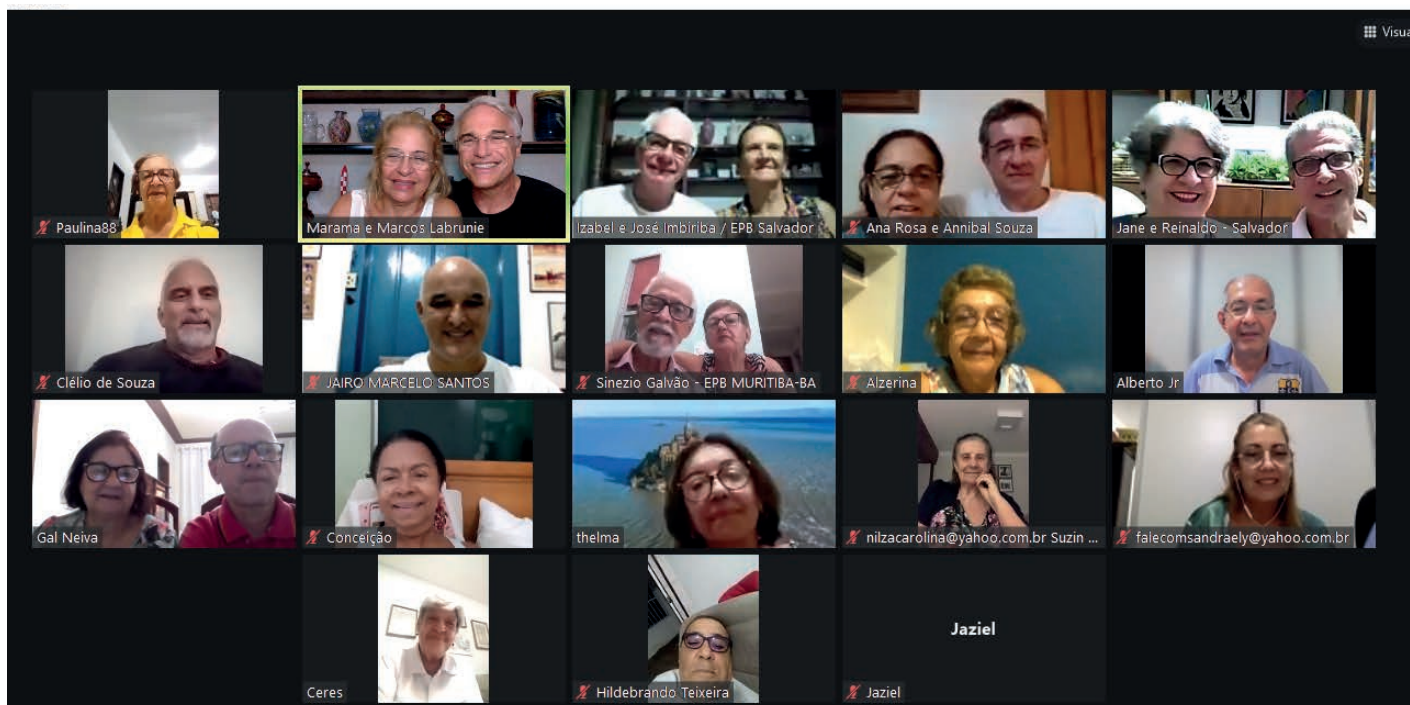
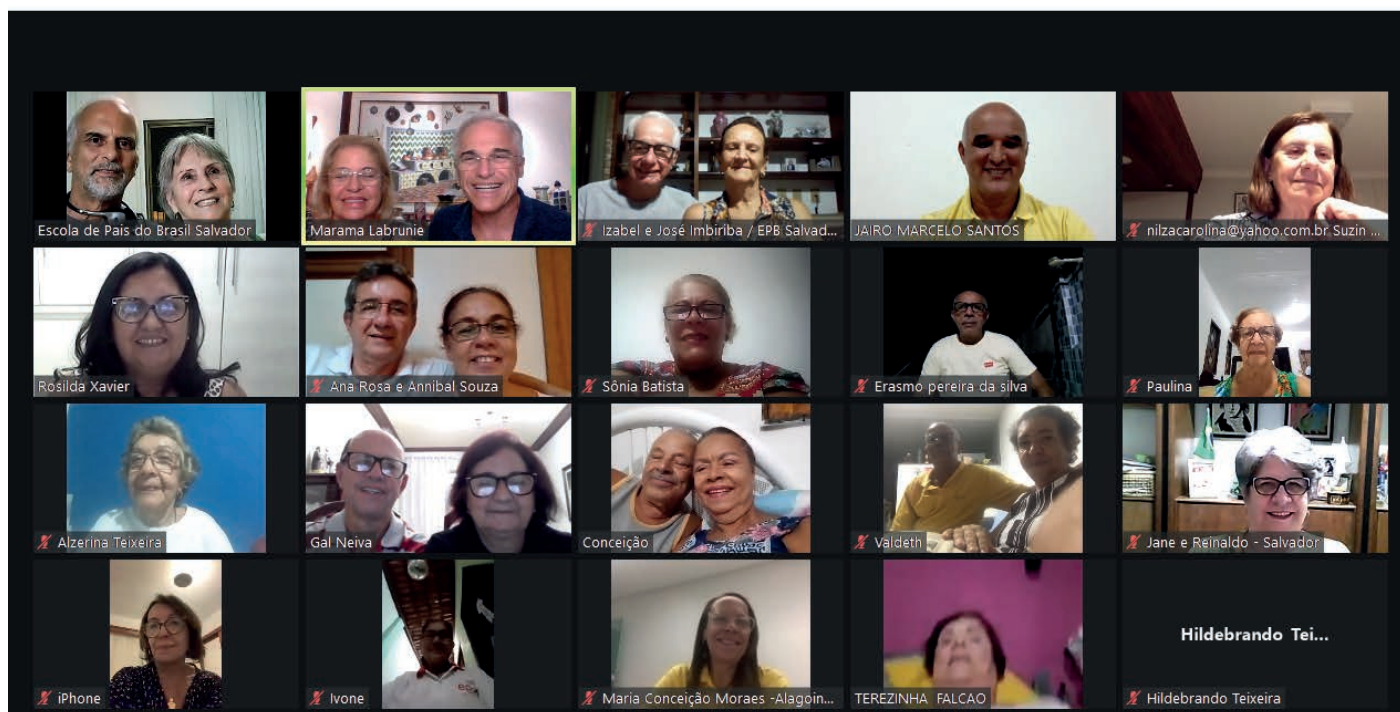
DIRETORA RELAÇÕES PÚBLICAS

Thelma Badaró Almeida de Souza

CONSELHO FISCAL - TITULARES:

Antônio Palmeira de Cerqueira
Sônia Maria Pereira Batista
Alberto Maia Brito





EVENTOS REALIZADOS EM 2022:

Algumas atividades da EPB Seccional Salvador em 2022:

CÍRCULOS DE DEBATES

Círculo na Escola Dom Edilberto – coordenado por Ana Rosa e Anníbal Souza



Círculo na Capela N. Sra. da Boa Esperança – coordenado por Izabel e José Luiz Imbiriba



Círculo no Sesi Ipapagipe – coordenado por Jane e Reinaldo Cezimbra



PALESTRAS

Palestra na Paróquia N. Sra. dos Mares, Salvador – Izabel e José Luiz Imbiriba – “Harmonia Conjugal”



Palestra na Paróquia N. Sra. dos Alagados, Salvador – Izabel e José Luiz Imbiriba – “Educar é um Desafio”



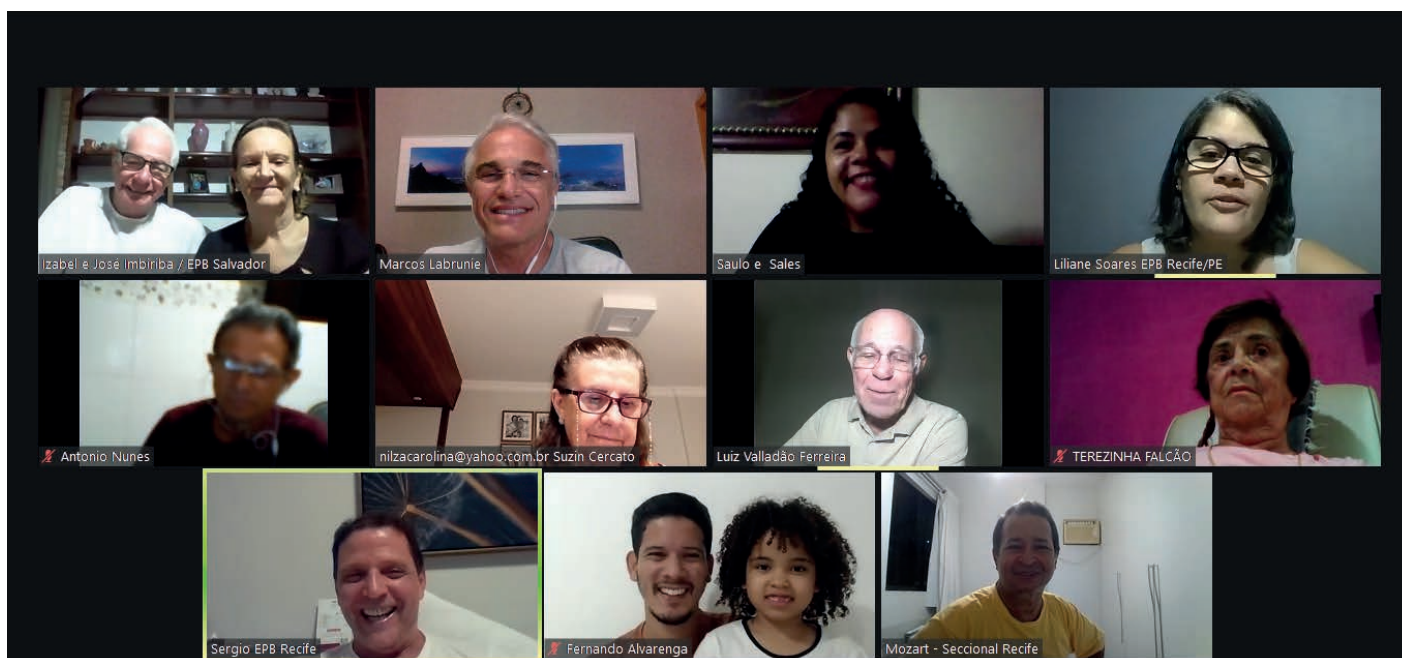
Palestra no SESI Itapagipe, Salvador – Marama e Marcos Labrunie – “Círculos da EPB”



Palestra na Escola Municipal Casa da Amizade - Ana Rosa e Anníbal Souza – “Qualidade de Tempo com sua Família”



REVISÃO INTERESTADUAL NORDESTE



REUNIÕES INTERREGIONAIS EPB BAHIA





ENTREVISTA: CERES LAERTE COTRIM SAMPAIO

Ceres Laert Cotrim Sampaio, membro da Escola de Pais do Brasil – Seccional Salvador desde 1971, viúva de Nilton Sampaio, professora, mãe, avó e bisavó

ENTREVISTA QUE TARDAVA

A nossa revista se redime da demora em alto astral e estilo. Nossa entrevistada Ceres Sampaio é daquelas pessoas a quem se diz “dispensa adjetivos”. Entretanto dela não se pode falar sem alardear as qualidades que a tornaram esposa dedicada, mãe amorosa, mestra de tantas gerações. Não menos importante, líder inconteste da Escola de Pais do Brasil, movimento a que, juntamente com o esposo pranteado Nilton Sampaio dedicou o melhor de sua inteligência ao trabalho voluntário e inabalável o ideal de servir.

O título de presidente de honra de nossa seccional de Salvador é singelo face ao quanto lhe deve. Mesmo nes-

se período do incontornável luto, sempre esteve presente em nossos encontros e jamais deixou de atender às solicitações que têm sido feitas, mesmo porque – sem o querer – é nossa líder maior, liderança construída com o exemplo de uma vida inteira. E a EPB nos ensina: o exemplo é o melhor caminho de orientação.

Encantemo-nos com os ensinamentos, as lições e as palavras enriquecedoras que se seguem.

EPB- COMO FOI SEU INGRESSO NA ESCOLA DE PAIS DO BRASIL?

Ceres – Através de um Círculo da EPB coordenado pelo casal Zany e Hugo Sentges, no Colégio Sagrado Coração de Jesus, onde trabalhava como professora. Nilton e eu participamos com muito interesse porque vimos que era um movimento sério e de grande valor para pais. Fomos convidados, em seguida, a participar de um Curso de Treinamento para ingressar na Escola de Pais, dirigido pelos nossos eternos mestres e queridos amigos, Manoel e Margarida Lessa Ribeiro.

EPB - O QUE SIGNIFICA EM SUA VIDA SER EPB?

Ceres – A Escola de Pais me fez uma pessoa mais consciente, me ensinou a viver valores que me plenificam como pessoa em todas as dimensões.

EPB - COMO A EPB CONTRIBUI NA VIDA DE UM CASAL?

Ceres – Nilton e eu sempre reconhecemos que fazer parte da EPB foi fundamental para nossa vida de casal. Ela nos oportunizou a crescermos juntos na mesma direção, a preservarmos valores importantes para a formação de nossos filhos e a descobrirmos e cultivarmos, com alegria, as qualidades um do outro, além de construirmos amizades sólidas e sinceras.

EPB - COMO SEUS FILHOS SE SENTEM SOBRE SUA PARTICIPAÇÃO NA EPB?

Ceres – Prefiro que eles mesmo falem:

“Nossos pais entraram na EP quando tínhamos 6 e 4 anos, então praticamente toda nossas vidas eles fizeram parte desse movimento que admiramos tanto e que temos certeza teve papel fundamental na nossa educação, sempre baseada no diálogo sincero, positivo e regado em muito afeto. Tivemos brigas? Óbvio. Atritos? Claro que sim. Problemas? Muitos, mas, tudo vivido e resolvido com muito respeito e amor.

Fora o reflexo na nossa própria família, o trabalho voluntário como casal líder da EP através dos Círculos de Debate fortaleceu a relação deles dois, e fez deles pessoas atuantes na sua comunidade, prestando um serviço ao próximo, e concomitantemente se engrandecendo como seres humanos, tanto pela troca de experiências como pelo aperfeiçoamento necessário para exercer esse lindo trabalho voluntário e sem fins lucrativos.

Por fim, nossos pais criaram laços de amizade na EP que perduram até hoje, temos "tios" que sem dúvida fazem parte da nossa família. Em resumo, a história a EP, se confunde com a nossa própria história familiar e só temos lembranças felizes disso.

Vivianne e Nilton Filho”

EPB - VOCÊS FORAM QUEM MAIS FIZERAM CÍRCULOS DE DEBATES NA EPB. SABE QUANTOS FORAM? IMAGINAMOS QUANTAS PESSOAS FORAM TOCADAS PELO TRABALHO QUE VOCÊ E NILTON, COMO CASAL, FIZERAM.

Ceres – Se não me falham as anotações, Nilton e eu coordenamos cerca de 80 Círculos, atingindo cerca de 2.000 pessoas.

EPB - É UM NÚMERO EXTRAORDINÁRIO. QUANTAS PESSOAS SE TORNARAM MELHORES PAIS, MELHORES INDIVÍDUOS COM O TRABALHO DE VOCÊS. DEVE HAVER POR AÍ, SEM VOCÊ SABER, MUITA GRATIDÃO EM MUITAS FAMÍLIAS.**EPB - TAMBÉM É IMPORTANTE COMO VOCÊS CONSEQUIRAM ATRAIR NOVOS MEMBROS PARTICIPANTES PARA A EPB. COMO VOCÊ VÊ ESSA INFLUÊNCIA?**

Ceres – Sempre nos sentimos motivados em planejar e estudar cada Círculo que fizemos, aprofundando conteúdos e aplicando novas dinâmicas e técnicas que aprendíamos ou criávamos. O trabalho da Escola de Pais é por si só atraente, já que discutir o relacionamento de pais e filhos é assunto de interesse de muitos e a qualquer tempo e as pessoas ficam realmente tocadas. Convidamos algumas delas que decidiram participar do movimento e se tornaram casais coordenadores e algumas delas são ainda hoje queridos companheiros de movimento atuando com muita dedicação e motivando outros a fazer parte da Escola de Pais, enriquecendo nosso movimento.

EPB - TESTEMUNHAMOS MUITAS MUDANÇAS DE PARADIGMAS AO LONGO DO TEMPO. COMO A EPB DEU SEGURANÇA PARA VIVENCIAR ESSA REALIDADE?

Ceres – A EPB sempre foi um movimento de vanguarda e através de seu rico material elaborado por educadores, psicólogos, antropólogos e filósofos, que acompanhávamos nos Congressos e Seminários, e no estudo constante para a preparação dos Círculos, fomos nos adaptando e nos atualizando a cada nova realidade com segurança e coerência

EPB - QUE MENSAGEM VOCÊ DEIXA PARA NÓS TODOS QUE AMAMOS A EPB?

Ceres – A Escola de Pais oferece a todos nós que somos parte dela a oportunidade de constante reflexão para viver alimentados como pessoas, como educadores, como família, como grupo e acima de tudo como cidadãos. Queridos amigos, continuem amando e atuando nesse lindo trabalho.

“A EPB sempre foi um movimento de vanguarda através de seu rico material elaborado por educadores, psicólogos, antropólogos e filósofos...” Ceres

**CINTHIA BARRETO SANTOS SOUZA**

Professora Doutora e Mestre em Família na Sociedade Contemporânea, Graduada em Letras e Graduada em Psicologia. Especialista em Leitura e Produção de Textos, Psicopedagogia, Mídias na Educação, EAD. Pesquisadora FABEP/UCSAL. Escritora. Membro da SBCC e da ALAMS. Professora do Ensino Superior/UNIFACEMP. Membro da EPB/SAJ.



A EXPERIÊNCIA LEITORA COMO GESTO FORMATIVO

As palavras me escondem sem cuidado. Aonde eu não estou as palavras me acham.

Manoel de Barros - O livro sobre nada, 1996.1

Trago os versos de encantamento do Manoel de Barros para tocar os muitos versos que faço a fim de explicar o que a leitura faz em mim e de mim. Acredito que não posso dizer “nadica de nada” sobre estimular a leitura, formar o leitor sem tocar a minha própria experiência de formação e de formadora. Tenho que convencer, apesar da bagunça entusiasmada que já sinto na mente inteira. Isso só porque vou falar de leitura. É como uma inquietude que careço acalmar. Medito. Leio Barros e amplio minha aflição. Quero o texto, preciso ter calma. Alguma coisa será dita. Chamo o tempo, a concentração e a disciplina, o texto abrolhará.

Coaduno do sentimento de que “as palavras me escondem sem cuidado.” (BARROS, 1996, p. 17). Estou exposta ao convite da escrita. Vou deixar-me encontrar pelas palavras. É só uma questão de próximas linhas. Encontro consumado. Devo organizar esse escrito refletindo sobre a experiência leitora como gesto formativo. Na sequência, descrever como fazer a experiência na família, na escola, na vida social e finalmente tecer considerações sobre a formação do leitor. Escrito o plano, hora de dedilhar o teclado. Enfim, somos: eu que escrevo e você que lê. Somos nós, autores de todos os sentidos razoáveis.

Sobre a experiência leitora enquanto gesto formador. Devo dizer que acredito no gesto. Um movimento de atitude que persuade pelo exemplo. Sempre ouvi dizer que meus filhos podiam instruir-se mais, vendo fazer que ouvindo dizer. Que meus alunos aprenderiam mais na prática que pelo acesso à teoria, portanto, o gesto leitor é a possibilidade de desembaraçar o leitor, torná-lo habilidoso, experimentar erros, acertos,

desafios, percursos e realizações. No que se refere ao gesto leitor, aponto para visões de crianças muito pequenas, aprendendo a falar e já debruçadas sobre os livros e textos achados à toa, em casa, na escola. Ou ainda, textos intencionalmente disponíveis para acesso de quem os queiram manusear. Ainda, evidencio ocasiões em que as crianças assistem com curiosidade, a um adulto lendo. Tais eventos, chamo de gesto leitor formativo, inconsciente ou não.

Um gesto leitor quando bem assimilado, desperta a curiosidade, estimula o desejo pelo texto, provoca a imaginação. A criança que testemunha a leitura do adulto e a percebe como objeto de satisfação, certamente anseia por imitar os leitores, descobre-se sabedor e move-se na direção do letramento e consequente alfabetização. Assim sendo, o gesto leitor seria um recurso competente para formar o leitor no ambiente social da família, da escola ou da comunidade. Costumo pensar que sem o gesto leitor seria raro compartilhar o gosto pela leitura. Como professora de linguagem, ao longo da formação dos leitores estudantes, fiz o trabalho cuidadoso de mostrar-me leitora. A recepção era muito feliz. Partilhávamos narrativas comuns e nos associamos aos personagens de histórias inesquecíveis. Momentos de catarse², arriscaria dizer.

A expressão do gesto leitor formativo em sala de aula, como experiência própria, me fez pensar que produziu estudantes compositores, atrizes, cantores, escritores. Profissionais de educação e artes com os quais tenho a alegria de encontrar performando. Acredito muito que foram originados de instantes sensíveis dedicados à leitura e produção de textos. Com convicção, posso dizer que no ensino superior faço o mesmo trabalho que entendi ser relevante para o objetivo de formar leitores. Não há uma turma de alunos que resista a uma tertúlia literária, musical, dialógica ou outro tipo qualquer. Todos são iniciados no contexto da leitura desprovida de qualquer ordem, preocupação, trabalho acadêmico, institucional. Uma leitura sensível. Costumo denominar. Seria aquela que me provoca, me faz sentir, perceber, pensar sem explicar necessariamente.

Na escola, nos anos iniciais, a estratégia que usei e compartilho nesse texto foi também de estimular a leitura primeiramente pelo gosto, prazer, deleite para enfim demonstrar os outros motivos pelos quais se lê. Reconheço a leitura por necessidade, para estudo, localização, instrução, entre outras funções. Mas começar a ler por deleite é o melhor anteparo. Sobre ler, escrever e o significado desse ato em mim, eu diria: quando não for possível falar ou sofrer leio, escrevo. Escrevi:

*A escrita me salva
Aí de mim se não escrevesse...
Quem diria para mim o que
preciso compreender?
A escrita é a minha salvação,
oração materializada no corpo
de alguns grafemas. E a dor vira
código.
Ao ler, posso decifrar os sentidos
que me movimentam para a cura.
Escrevo e leio,
e num ato poético de
imaginação, transcendo...
Nesse instante eu encontro a
novidade.
A escrita é salvadora.*

(Texto não publicado, bloco de notas do celular, em 16/11/2019.)

Sobre minha experiência de formação do leitor na escola, quando professora de leitura e produção de textos, habituei-me a escrever com meus alunos. Seleccionávamos juntos os temas sobre os quais queríamos ler. Fazíamos leituras e consultas para catalogar e ouvir especialistas sobre os assuntos diversos. Depois era montar o plano de texto, achar o objeto e manter o foco. Problematicar, estabelecer hipóteses e buscar argumentos sustentados pelos textos de consulta para enfim, escrever. Uma tarefa para todos, professora e estudantes. Na aula seguinte, alguns liam os textos e outros escutavam. O texto da professora, o meu texto, também estava disponível para leitura. Sobre ele, também podiam sugerir, podiam indicar para reescrita e releitura. Muitos queriam escrever como a professora ou usar os planos de texto disponibilizados por ela. Ou seja, a autora e professora era lida. Os textos circulavam no mural da escola. Alguns foram reescritos para o festival de música no final do ano. Outros seleccionados para o livro em volume único, produzido para o acervo da biblioteca da escola.

A experiência indica que para formar leitores é preciso mostrar-se leitor. A fala precisa ser concretizada pelo texto. Os livros precisam circular, os textos carecem de ser lidos, transformados em imagens, esculturas, poemas e prosas para produzir os infinitos sentidos e encontrar os leitores interessados neles. A dinâmica é a mesma: para formar leitor é preciso fazer-se leitor, apresentar-se

como tal. Os meus livros estão sempre à disposição dos leitores que almejo alcançar. Os meus livros e os livros que leio, indico e recebo indicação.

No ensino superior, os alunos são convocados para leitura de teóricos sobre os quais ouviram dizer, mas não dialogam. Seja pela impossibilidade de compreensão ou pelo interesse no único texto possível. Diria o poeta: “Não gosto de palavra acostuada”. (BARROS, 1996, p. 17). Na academia, o gesto leitor formativo pode e deve ser estimulado pelo gosto da leitura que flui. Pelo texto do professor que escreve para aquela turma, sobre o tema da aula, com palavras comuns. Se é que elas existem. Arremato repetindo o mesmo autor: “Tudo que não invento é falso.” (idem, p. 17). Tudo que invento se aproxima de verdade de quem e para quem inventei. Assim, despindo-me de qualquer vaidade, entrego meu escrito e sem demora recebo o que para mim foi destinado a ler: - professora pode ler o que eu escrevi? E a proposta é pura realização.

No âmbito da família acontecem as primeiras visões sobre o gesto leitor. Do livro sobre o nada, apanho mais um verso para introduzir o que penso quando imagino a leitura nesse lugar íntimo de formação da pessoa, do leitor, de todos os gestos a serem aprendidos e transmitidos, repetidos ou rompidos. Disse Barros (1996, p. 17) “Sempre que desejo contar alguma coisa, não faço nada; mas quando não desejo contar nada, faço poesia”. O gesto leitor na família é geralmente espontâneo e desprovido de intenção. As crianças acompanham os adultos quando contam histórias, leem uma receita, uma oração, a bula do remédio ou um texto no celular. Os adultos podem pelo gesto, expressar as diversas facetas da leitura e entre elas a mais encantadora, a leitura que diverte, emociona, encanta ou faz dormir.

Mais uma vez estamos falando de um gesto leitor desprovido de uma obrigação imposta formalmente, mas de uma oportunidade de descoberta, aprendizagem, expressão de fala e pensamentos. Outro dia vi uma criança emocionar-se ao ouvir a voz da mãe em uma declaração de amor. Foi durante o dia das mães. Ela cantou usando o recurso do celular e lendo o texto. O menino ficou em completo silêncio e de olhos vendados e voz ofegante declarou ser a voz da mãe. Esse texto certamente jamais será esquecido, pode ser relido e refletido, sentido, aconchegado na memória do pequeno leitor em formação.

Assim sendo, todas as experiências advindas de gestos de leituras significativas e sensíveis são recursos promotores do desenvolvimento de habilidades e competências leitoras. São vivências iniciadas no primeiro círculo social da família, estendendo-se para a escola e para a prática social. Estive no supermercado com meu neto Tuco, 4 anos, a alegria dele ao fazer as compras era pergun-

tar sobre os nomes dos produtos. Ele reconhece todas as letras e muitas marcas, mas ficou feliz mesmo quando diante da caixa de suco de uva, afirmou que U e V e A era uva. Comprei para ele um brinquedo de massa de modelar e letras plásticas como formas. Agora ele quer escrever os nomes de todos os objetos da casa. E diante do livro que tem como título O menino que queria aprender a ler, o retorno é sempre: - vó, leia mais uma vez.

O gesto leitor é, portanto, uma experiência concreta e materializada quando a leitura permite o entendimento, as sensações, a imaginação e criatividade reveladora. No livro do nada, pode-se ler sobre as palavras: “não pode haver ausência de boca nas palavras: nenhuma fique desamparada do ser que a revelou”. (p.17). O adulto é alguém que pode e deve revelar a palavra sentida por meio do gesto, da leitura, do gosto, do texto, da história. Em tempo, transcrevo do mesmo livro: e “há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas”. (p.17). Isso para dizer que na minha história encontro o outro como na história do outro me encontro.

Finalmente arremato repetindo os versos do Manoel de Barros (1996): “Não preciso do fim para chegar. Do lugar onde estou já fui embora”. Aqui me despeço do leitor convencida de que se alguém pede que eu escreva, escrevo e peço que você leia:

Se alguém me pede para escrever, escrevo.

Não sei se porque esqueço que estou escrevendo outros textos ou porque as palavras libertam-se de mim sem que eu possa fechá-las com trancas e dizer que devem aguardar o pensamento chamá-las...

Parecem doidas, correm de um lado para o outro e me deixam zozas. Precisam de disciplina. Teimosas como se estivesse escritas para uma rebelião nas ruas, melhor, nas páginas brancas do nada.

Apanho uma a uma e não quero guardá-las, elas querem dizer. Conhecem-me. Sabem que não sou do silêncio, quero prosa.

(Texto não publicado, bloco de notas do celular, em: 03/08/22)

NOTA

¹ Livro sobre nada é um dos trabalhos mais importantes de Manoel de Barros. O título, que veio da frase de Gustave Flaubert “sempre desejei escrever um livro sobre nada”. Dividido em quatro partes, traz poemas curtos em que desconstrói a linguagem para reorganizar um mundo único.

² Catarse é um conceito filosófico que significa limpeza e purificação. Esse conceito é muito amplo, uma vez que é utilizado em diversos ramos do conhecimento: artes, psicologia, medicina, religião, educação e outros.

**ROSILDA XAVIER DE MEDEIROS**

Membro da EPB/Salvador desde 2009, assistente social de formação, escritora, sócia da JM Gráfica e Editora juntamente com o seu esposo, Marcos Medeiros, mãe de três filhos (Milena, Rodrigo e Raissa) e avó de duas netas (Marina e Malu).



A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

● Era uma vez...

O ato de contar histórias toma espaço na vida humana há séculos, é uma tradição oral que existe muito antes da escrita. Graças à contação de histórias temos o conhecimento de práticas milenares e de modos de viver dos nossos antepassados.

“Foi graças à tradição oral que muitas histórias se perpetuaram, sendo transmitidas de uma geração para outra. Tudo começou em uma caverna, quando os primeiros caçadores e coletores se reuniram em volta das chamas da fogueira para contar histórias uns aos outros, sobre suas aventuras na luta pela sobrevivência, para dar voz à percepção fenomenológica dos eventos naturais e sobrenaturais, e, assim, entrar em conformidade com a ordem social cósmica”. (PRIETO, p.19, 2011)

Na minha infância, em Patos/Paraíba, lembro nitidamente das histórias que nossas vizinhas, já moças, nos contavam nas noites que a “luz ia embora” e ficávamos sentados na calçada, ao luar. Eram momentos mágicos, pois nossa imaginação corria longe e podíamos viajar para

outros mundos e conhecer personagens que ficariam gravados na nossa memória, para sempre.

Hoje, com a evolução da tecnologia, as crianças ouvem e assistem às histórias através dos celulares e tablets, além de elas se tornarem vulneráveis e expostas, falta algo voltado ao seu íntimo de satisfação criativa. As crianças necessitam de oportunidades para se expressarem, se identificarem e relaxarem. A contação de história proporciona esse momento, quando a criança viaja em seu universo imaginário ao encontro de si mesma e do outro.

Além de uma distração, de um momento prazeroso, a contação de histórias é um despertar para a criatividade, pois a criança aprende a ouvir e a falar, desenvolve sua oralidade e prazer pela leitura, além do contato direto com as palavras.

Essa prática de maneira simples é um mecanismo para elas enfrentarem problemas; são sugestões e exemplos criativos de superação, uma comunicação que fala

profundamente ao seu íntimo, trazendo temas que tratam do bem e do mal, propondo uma identificação entre narrativa e ouvinte. Promove, na vida da criança, o conhecimento de variadas culturas e valores, é uma forma de ampliar seus conceitos, de modificar sua visão de mundo, desenvolver sua capacidade cognitiva e motora.

É coerente afirmar que sem ouvir histórias as crianças estão sendo privadas de benefícios em sua infância? A contação de histórias é uma estratégia pedagógica para seu desenvolvimento. Ao ouvir histórias a criança torna-se criadora de leituras variadas, ela torna-se capaz de também contar histórias. Em algumas histórias contadas elas lidam com o inexplicável, com algo inexistente na nossa realidade, mas que se torna presente através da história ouvida, como também aprendem através de outras histórias, a aceitar as diferenças humanas e acolher e respeitar as pessoas e os animais.

“Por meio das histórias, adultos podem conversar com crianças sobre o que é importante em suas vidas, sobre questões que vão do medo do abandono e da morte a fantasias de vingança e triunfos que levam a “ finais felizes para sempre”. (TATAR, 2004, p. 12)

UMA HISTÓRIA É CAPAZ DE CATIVAR E DEIXAR-SE CATIVAR.

A contação de histórias deve ser feita com uso de personagens (bonecos, fantoches, etc.) e a participação

direta da criança, reproduzida em sons e gestos. É fundamental que a contação de histórias esteja presente na sala de aula, baseada na satisfação de poder através da leitura e interpretação, gerar conhecimentos e aprendizagem, onde a proposta seja um diálogo com a realidade e apresente modos de descobrir o mundo, de interagir e desenvolver na criança o prazer pela leitura, a crítica, os questionamentos, permitindo que ela possa opinar e formar o seu próprio conceito.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS É UM AGENTE NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA.

“A literatura está relacionada à prática de ouvir e contar histórias e provém da nossa necessidade de comunicar aos outros experiências, sentimentos e emoções(...) Ao usar as palavras e sobrepor a elas um toque especial de magia e encantamento, cada contador cria suas várias formas de narrar uma história. Foi desta ideia que surgiu o fascínio pelas formas de contar histórias tarefa (aparentemente) tão simples e de tão grande significação para quem escuta. Além de prazerosa a narração privilegia a transmissão de conhecimentos e valores tornando-se também responsável pela formação e desenvolvimento cognitivo e psicológico humano.” (BERGMANN E SASSI 2007, p. 201-202).

O ser humano é naturalmente um contador de histórias, capaz de interpretar o mundo independentemente da



**“POR meio DAS
HISTÓRIAS, ADULTOS
PODEM conversar
com crianças sobre
o que é importante
em suas vidas,
sobre questões
que vão DO medo
DO abandono e DA
morte a FANTASIAS
DE vingança e
TRIUNFOS que Levam
a “FINAIS FELIZES
Para sempre”.**

(TATAR, 2004, P. 12)

idade e de ser alfabetizado ou não. Todas as pessoas têm suas próprias histórias e vivências. Todo ser carrega consigo uma bagagem histórica, e se permitido, enche-se de alegria ao encontrar alguém que mostre interesse em ouvir suas histórias de vida. É natural à pessoa humana, o prazer em contar histórias, como é natural gostar de ouvir uma história bem dita. Para atrair o ouvinte para a história que lhe é contada, cabe ao contador algumas artimanhas, como entonação da voz, gestos e facetas.

Ao contar uma história podemos despertar o saber ouvir e exercitá-lo. Percebe-se muito hoje a necessidade das pessoas em conquistar a felicidade. As crianças que ouvem histórias mostram-se realizadas e capazes de falar e expressarem-se com mais facilidade e propriedade. Contar histórias faz as crianças que ouvem e participam, felizes.

“Dentre os benefícios de contar histórias, destaca-se a importância do valor humorístico. Afinal o contador deve atrair a criança, e nada melhor que um momento feliz e humorado. Ao explorar o humor pode-se, além de aumentar os conhecimentos linguísticos e comunicativos das crianças, promover cooperação e socialização e, conseqüentemente, humanizar.” (BERGMANN E SASSI, 2007, p. 201).

**O IMPORTANTE AO CONTAR UMA HISTÓRIA É
VALORIZAR SUA MAGIA, LENDO E INTERPRETANDO.**

O ato de contar histórias vem a ser um estímulo que tem a capacidade de alcançar a sensibilidade e o encantamento com o mundo. É uma ferramenta capaz de recuperar e transmitir significado para as pessoas, é um ato dinâmico, social e coletivo, que se efetiva pelo escutar e se sensibilizar.

A sociedade contemporânea está incentivando cada vez mais a solidão, percebemos as pessoas em suas casas, cada uma em seu quarto, com seu celular, computador ou televisão, sem horário coletivo para conversas, a contação de histórias propõe o contrário disso: uma vida coletiva, de interação e diálogo, uma reflexão paralela entre a realidade e o mundo imaginário do conto. A essência humana ultrapassa os séculos, os modos de vida mudaram ao longo do tempo, mas a afetividade, o psicossocial e a necessidade de se relacionar com as demais pessoas ainda existem.

Querendo ou não, ao ouvir uma história você é levado a imaginar o modo, o tempo e o lugar onde acontece aquela história, e de repente tudo se torna tão íntimo e tão real no seu ser, que através disso se concebe uma percepção própria de mundo. Ouvir histórias é uma forma de dialogar com outras realidades paralelas ao seu eu. O importante é que ela seja lúdica, contada e não apenas lida. O importante ao contar uma história é valorizar sua magia e expandir o seu potencial, quem o faz atrai e encanta quem ouve.

E como disse Pennac, 1993:

“Mas ler em voz alta não é suficiente, é preciso contar também, oferecer nossos tesouros, desembrulhá-los na praia ignorante. Escutem, escutem e vejam como é bom ouvir uma história. Não há melhor maneira de abrir o apetite de um leitor do que lhe dar de farejar uma orgia de leitura”.

REFERÊNCIA:

Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia/UFPB/ Contação de História: contribuição para o desenvolvimento da socialização e aprendizagem de crianças da educação infantil/ Janaina Pereira de Sousa/ Livramento 2014.

**MARIA IZABEL PASSOS IMBIRIBA**

Pedagoga. Há 20 anos na EPB e com José Luiz Imbiriba, Casal RN para Bahia

MEDO VERSUS RESILIÊNCIA

**"QUANDO NÃO PODEMOS MAIS MUDAR
UMA SITUAÇÃO, SOMOS DESAFIADOS A
MUDAR A NÓS MESMOS"**

Viktor Emil Frankl (Viena *1905 – †1997).



Diariamente somos chamados ao desafio da vida, a descobrir os seus mistérios, a vencer os obstáculos para chegar à superação. Só experimenta a vitória quem tem coragem de arriscar e investir na sua caminhada. É preciso viver para aprender a arte e o sabor da vida. *"...eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância"* (João 10,10).

O **medo** é a mais antiga das emoções na evolução das espécies. O Homo Sapiens, ao longo de milhares de anos, não teria escapado se partisse para cima de qualquer animal que encontrasse pela frente, como também

não duraria se ficasse paralisado a ponto de não conseguir fugir quando necessário. Nenhum dos extremos permitiria que ele sobrevivesse por muito tempo. O mesmo aconteceria se no convívio com seus pares, deixasse o pavor atingir um alto nível, se isolando e reduzindo sua capacidade de proteção.

Sem o sentimento de autopreservação, os seres humanos sucumbiriam e o medo representa uma importante ferramenta que os mantém seguros. Este se origina da sensação de perigo, ensinando o respeito ao limite e provocando reação de confronto ou de fuga. É um mecanismo de sobrevivência universal, mas que normalmente

é visto como uma emoção negativa, sendo rejeitado e associado à covardia, embora tenha uma relevância evolutiva que salvou a nossa espécie da extinção.

Neste contexto, se faz necessário estabelecer a diferença entre emoção e sentimento. Enquanto a **emoção** é uma reação imediata do cérebro a um estímulo ambiental, o **sentimento** é o resultado de uma experiência emocional. Exemplo: a situação de perigo (estímulo ambiental) gera o medo (emoção) que por sua vez transmite insegurança (sentimento). Perigo → medo → insegurança.

Ao ser exposto a alguma emoção, o cérebro libera hormônios que alteram o estado emocional do indivíduo com o aparecimento de reações físicas: palpitação, falta de ar, formigamento, sudorese, choro ... A emoção é passageira, mas o sentimento normalmente é duradouro.

A emoção pode ser interpretada de acordo com o significado que cada pessoa dá às situações. Entretanto, a “programação mental positiva”, proveniente da Inteligência Emocional (**IE**), é uma estratégia capaz de alterar de forma consciente, a interpretação das emoções. Permite a cada pessoa escolher como irá reagir diante dos acontecimentos. Ao desenvolver a **IE**, é possível perceber e nomear corretamente as emoções e sentimentos, além de adequar as reações emocionais em busca do equilíbrio.

Viktor Emil Frankl, neuropsiquiatra austríaco e fundador da Logoterapia, afirmava que *“o sentido das coisas é fundamental para que se alcance o equilíbrio psíquico”*. O filósofo e escritor alemão Friedrich Nietzsche, reforçava esta ideia dizendo: *“o ser humano é capaz de suportar qualquer coisa, desde que tenha um porquê”*.

A **resiliência** é o movimento de construção e ressignificação da consciência das próprias forças e fraquezas. É uma resposta adaptativa às situações significativas de estresse. Na psicologia, o termo resiliência se refere à habilidade das pessoas responderem às frustrações e ao estresse diário, em todos os níveis, com superação e recuperação emocional.

A resiliência minimiza o risco de desenvolver doenças mentais e enfraquece os sentimentos de desamparo e de opressão. É um movimento de dentro para fora, algo que se conquista com luta e força de vontade, permitindo a reformulação de padrões de pensamentos e atitudes que provocam medo e paralisia. É um mecanismo de proteção que dá a força necessária para a recuperação física e emocional após um evento adverso.

É fato que algumas pessoas apresentam maior potencial de resiliência em função de traços da personalidade, da autoestima, da forma de comunicação e da IE. Têm ainda como reforço, o apoio familiar, os relacionamentos interpessoais, a capacidade de aprender e internalizar novas habilidades, além da perseverança e adaptabilidade. São pessoas mentalmente mais fortes que têm em comum:

- autoconsciência – conhecem seus pontos fortes e fracos;
- autoestima – reconhecem e apreciam as próprias qualidades, utilizando-as nas situações adversas;
- autocuidado – têm como prioridade a preservação da saúde física e emocional;
- autorregulação emocional - desenvolvem técnicas de redução de estresse e de ansiedade (exercícios de



respiração, meditação, *mindfulness*, atividades físicas...);

- habilidade de resolução de problemas – criam mecanismo para superar obstáculos;
- rede de apoio – estabelecem uma conexão com familiares e amigos;
- otimismo – mantêm a esperança, identificam formas positivas de agir e abraçam a mudança;
- espiritualidade – criam uma conexão com o transcendente e buscam um significado para a vida;
- gratidão – através deste recurso estabelecem um favorável estado de espírito;
- amor – buscam aproximação e sentem afeição pelas pessoas.

Pessoas resilientes usam as emoções proativamente a seu favor, de maneira saudável e produtiva e sabem utilizar seus pontos fortes para enfrentar os mais variados problemas, progredindo e se recuperando. Veem com mais facilidade as oportunidades que a vida oferece. Resiliência é saúde e qualidade de vida.

No processo de construção da resiliência, alguns questionamentos são fundamentais:

- o que posso fazer para voltar aos trilhos?
- eu não posso controlar tudo, então o que está sob meu controle?
- posso mudar algo que estou fazendo para melhorar a situação?
- o que posso aprender com isso?
- quem pode me ajudar?
- como posso seguir em frente?

“Você não é produto das circunstâncias, você é produto das suas decisões” (Viktor Emil Frankl).

Caminhando na direção espiritual, podemos afirmar que a resiliência é um dom do Espírito Santo que vem em socorro daqueles que O clamam, dos que reconhecem seus próprios limites, mas não ficam parados. Sabem que o fato de recorrer à força de Deus, os faz fortes.

“E é por isso que eu me alegro nas fraquezas, humilhações, necessidades, perseguições e angústias, por causa de Cristo. Pois quando sou fraco, então é que sou forte” (2 Coríntios 12, 10).

**“Você não é
produto das
circunstâncias,
você é produto
das suas
decisões”.**

(Viktor Emil Frankl)

**“o ser humano
é capaz de
suportar
qualquer coisa,
desde que tenha
um porquê”.**

Friedrich Nietzsche

ser pai

De todas as minhas modestas dimensões humanas, a que mais me realiza é a de ser pai.

Ser pai é, acima de tudo, não esperar recompensas. Mas ficar feliz caso e quando cheguem. É saber fazer o necessário por cima e por dentro da incompreensão. É aprender a tolerância com os demais e exercitar a dura intolerância (mas compreensão) com os próprios erros.

Ser pai é aprender, errando, a hora de falar e de calar. É contentar-se em ser reserva, coadjuvante, deixado para depois. Mas jamais falar no momento preciso. É ter a coragem de ir adiante, tanto para a vida quanto para a morte. É viver as fraquezas que

depois corrigirá no filho, fazendo-se forte em nome dele e de tudo o que terá de viver para compreender e enfrentar.

Ser pai é aprender a ser contestado mesmo quando no auge da lucidez. É esperar. É saber que experiência só adianta para quem a tem, e só se tem vivendo. Portanto, é aguentar a dor de ver os filhos passarem pelos sofrimentos necessários, buscando protegê-los sem que percebam, para que consigam descobrir os próprios caminhos.

Ser pai é: saber e calar. Fazer e guardar. Dizer e não insistir. Falar e dizer. Dosar e controlar-se. Dirigir sem demonstrar. É ver dor, sofrimento, vício, queda e tocaia, jamais transferindo aos filhos o que, a alma, lhe corrói. Ser pai é ser bom sem ser fraco. É jamais transferir aos filhos a quota de sua imperfeição, o seu lado fraco, desvalido e órfão.

Ser pai é aprender a ser ultrapassado, mesmo lutando para se renovar. É compreender sem demonstrar, e esperar o tempo de colher, ainda que não seja em vida. Ser pai é aprender a sufocar a necessidade de afago e compreensão. Mas ir às lágrimas quando chegam.

Ser pai é saber ir-se apagando à medida em que mais nítido se faz na personalidade do filho, sempre como influência, jamais como imposição. É saber ser herói na infância, exemplo na juventude e amizade na idade adulta do filho. É saber brincar e zangar-se. É formar sem modelar, ajudar sem cobrar, ensinar sem o demonstrar, sofrer sem contagiar, amar sem receber.

Ser pai é saber receber raiva, incompreensão, antagonismo, atraso mental, inveja, projeção de sentimentos negativos, ódios passageiros, revolta, desilusão e a tudo responder com capacidade de prosseguir sem ofender; de insistir sem mediação, certeza, porto, balanço, arrimo, ponte, mão que abre a gaiola, amor que não prende, fundamento, enigma, pacificação.

Ser pai é atingir o máximo de angústia no máximo de silêncio. O máximo de convivência no máximo de solidão. É, enfim, colher a vitória exatamente quando percebe que o filho a quem ajudou a crescer já, dele, não necessita para viver. É quem se anula na obra que realizou e sorri, sereno, por tudo haver feito para deixar de ser importante.

Artur da Távola



O FOGO que nos Transforma

Como o milho duro, que vira pipoca macia, só mudamos para melhor quando passamos pelo fogo: as provações da vida. A transformação do milho duro em pipoca macia é símbolo da grande transformação por que devem passar os homens, para que eles venham a ser o que devem ser. O milho da pipoca somos nós: duros, quebradentes, impróprios para comer, mas que, pelo poder do fogo, podemos, repentinamente, voltar a ser crianças! Mas a transformação só acontece pelo poder do fogo. O milho de pipoca que não passa pelo fogo, continua a ser milho de pipoca. Assim acontece com a gente. As grandes transformações acontecem quando passamos pelo fogo. Quem não passa pelo fogo fica do mesmo jeito, a vida inteira.

O fogo é quando a vida nos lança em uma situação que nunca imaginamos. Pode ser fogo de fora: perder um amor, perder um filho, ficar doente, perder um emprego, ficar pobre.

Pode ser fogo de dentro: pânico, medo, ansiedade, depressão - sofrimentos cujas causas ignoramos.

Há sempre o recurso dos remédios que apagam o fogo. Sem fogo, o sofrimento diminui. E com isso a possibilidade da grande transformação. Imagino que a pobre pipoca, fechada dentro da panela, lá dentro, ficando cada vez mais quente, pense que a sua hora chegou: "vou morrer"

De dentro de sua casca dura, fechada em si mesma, ela não pode imaginar destino diferente. Mas subitamente, a transformação acontece: pum! - e ela aparece como outra coisa, completamente diferente, algo que ela mesma nunca havia sonhado.

Mas existem pessoas PIRUÁS que, por mais que o fogo es quente, se recusam a mudar. Elas acham que não pode existir coisa mais maravilhosa do que o jeito delas serem. Ignoram o dito de Jesus: "Quem preservar a sua vida, perdê-la-á." - A sua presunção e o seu medo são a dura casca do milho que não estoura. O destino delas é triste. Vão ficar duras a vida inteira.

Não vão se transformar na flor branca macia. Não vão dar alegria para ninguém.

Terminado o estouro alegre da pipoca, no fundo da panela ficam os piruás, que não servem para nada. Seu destino é o lixo.

Quanto às pipocas que estouraram, são adultos que voltaram a ser crianças e que sabem que a vida é uma grande brincadeira...

Rubem Alves



“O milho da pipoca somos nós: duros, quebradentes, impróprios para comer, mas que, pelo poder do fogo, podemos, repentinamente, voltar a ser crianças! Mas a transformação só acontece pelo poder do fogo”.

QUANDO O CORPO FALA

Nunca tinha escutado o nome de Louise L. Hay, que, pelo que eu soube, é uma psicóloga americana com vários livros publicados e traduzidos para diversos idiomas, inclusive para o português. Me parece que é de auto-ajuda, a julgar pelos títulos: Como curar sua vida e outros do gênero. Como se existisse fórmula mágica para alguma coisa. Se esses manuais funcionassem, seríamos todos belos, ricos, bem-casados, desenvolvidos, empreendedores, bambambãs em tudo. Mas um dos temas que ela trata é bastante interessante e já inspirou vários bate-papos entre amigos. Ela diz que todas as doenças que temos são criadas por nós. Pô, Louise. Como assim, "criadas"? Fosse simples desse jeito, bastaria a força da mente para evitar que o vírus da gripe infectasse o ser humano.

Porém, se não levarmos tudo o que ela diz ao pé da letra, se abstrairmos certos exageros, vamos chegar a um senso comum: nós realmente facilitamos certas invasões ao nosso corpo. É o que se chama somatizar, ou seja, é quando uma dor psíquica pode se manifestar fisicamente. Muitas vezes acontece, sim.

"Todas as doenças têm origem num estado de não-perdão", diz a psicóloga. "Sempre que estamos doentes, necessitamos descobrir a quem precisamos perdoar." Mais uma vez, o exagero, já que "sempre" é um amontoado de tempo que não sustenta nenhuma teoria. Mas ela insiste: *"Pesar, tristeza, raiva e vingança são sentimentos que vieram de um espaço onde não houve perdão. Perdoar dissolve o ressentimento."*

Pois é, o perdão. Outro dia estava lendo um verso de uma poeta que já citei em outra oportunidade, a Vera Americana, em que ela diz: "Perdão/ duro rito/ da remoção do estorvo". É difícil perdoar, mas que faz bem à saúde, não tenho a menor dúvida. Quanto mais leve a alma, mais forte o organismo. Por que não tentar?

Louise L. Hay acredita tanto, mas tanto nisso, que chegou a fazer uma lista de doenças e suas prováveis causas. Exemplo: apendicite vem do medo. Asma, de choro contido. Câncer, de mágoas mantidas por muito tempo. Derrame, da rejeição à vida. Dor de cabeça vem da autocrítica. Gastrite, de incertezas profundas. Hemorróidas vem do medo de prazos determinados e raiva do passado. A insônia vem da culpa. Os nódulos, do ego ferido. Sinusite é irritação com pessoa próxima.

Eu sei e os leitores também sabem que não é bem assim, que isso é uma generalização e que há vários outros fatores em jogo, mas não custa prestarmos atenção na interferência que nossos sentimentos têm sobre nosso corpo, assim poderemos ajudar no tratamento sendo menos tensos e angustiados.

Para quem é 100% cético, tudo isso é balela. Já fui desse modo. Tempos atrás, não daria a mínima para as afirmações de Louise L. Hay. Hoje me considero 70% cética e ainda pretendo reduzir este índice, pois reconheço que os meus parcos 30% de crença no que não é cientificamente provado é que me salvam de uma úlcera.

Martha Medeiros

***"Pesar, tristeza,
raiva e vingança são
sentimentos que vieram
de um espaço onde
não houve perdão.
Perdoar dissolve o
ressentimento."***



NOSSAS CRIANÇAS DIZEM CADA UMA...

Palavras ao vento

- Tuco, vamos descer? Ele pega o livro e vai direto para a escada.
- Espera, Tuco
- Ele responde: - Perdeu play boy
- Quem é play boy?
- Você.
- Eu?
- Quem manda na minha vida sou eu.
- Você com três anos manda na sua vida?
- Mando
- Quem manda na sua vida são seus pais e quando está com a vovó, sou eu
- Não, vó, meu pai e minha mãe só servem para me buscar aqui... Só isso, me levar para casa...
- Parece até gente grande, esbanja palavras e sopra ao vento.

NO TRIBUNAL

- Tuco, vamos com a vovó?
 - Não, daqui eu não saio, vovó. E se você fizer isso, vou chamar o tribunal para te prender.
- Preso vovó ficou diante de tanta sabedoria

DIÁLOGO entre irmãos

Conversa entre dois irmãos de cinco anos de idade. Eles estavam brincando na sala onde estava o avô numa cadeira de balanço. Um deles virou para o outro e perguntou:

- Quantos anos tem o vô? O outro respondeu:
- Acho que tem uns 25 anos. É mesmo. E imediatamente disse:
- Como o vô é velho!

Logo em seguida, entra na sala o pai deles e eles perguntam a idade do pai. Ele responde:

- Tenho 32 anos.

Eles ficaram surpresos pelo fato de o pai deles ser mais velho que avô.

será

Aos 4 anos, Thiago, entrando num restaurante, foi recebido por um senhor com um sorriso de apenas dois dentes na frente.

O menino parou imediatamente assustado e perguntou:

- Você é "gachon" não é vampiro, não, não é?

O garçon respondeu e ele sorriu aliviado com o novo amigo.



cem ou sem anos?

Manuela recém completou três anos, e é orgulho da vovó e da bisavó porque conta até vinte e conhece todas as letras.

Numa visita à casa da tia, esta fez questão de apresentar para Manu uma vizinha de cem anos. Enfatizou

- É uma vovozinha bem velhinha, Ela tem cem anos.

Lá foram as duas para a visita.

Quando voltaram, a bisavó perguntou:

- Viu a vovozinha? Ela tem quantos anos, Manu?

- Nenhum. (Diante do espanto da bisavó, acrescentou)

- Sem anos.

tamanho e coragem são coisas diferentes

Felipe era muito medroso aos cinco anos. Em compensação a irmãzinha de três era destemida. Uma noite, a família reunida na sala de tv, Felipe queria beber água. Como estávamos ocupados, pedimos a ele que fosse até a cozinha porque ele já sabia se servir de água. Só que as luzes estavam apagadas Convidou a Cintia para ir junto, mas ela recusou porque não alcançava o interruptor para acender a luz. Ele não se deu por vencido:

- Vamos, eu vou com meu tamanho e você vai comigo com sua coragem.

E lá foram eles

uma mão cheia

Fernandinha tinha 4 anos. Chegou maio, o mês do aniversário dela, então, disse:

- Vou completar uma mão cheia.

vai chegar...

Em uma das viagens de férias que íamos para Paraíba, antes das cidades, tinha sempre uma placa avisando "quebra molas" a 100 metros. Então Raissa saiu com essa:

- Puxa vida, essa cidade "quebra-molas" nunca chega...





ESCOLA DE PAIS DO BRASIL

O novo visual da EPB, fruto da parceria com a Proteína Digital, prova que a Escola de Pais do Brasil segue se renovando e inovando!

Temos um novo logotipo e nova paleta de cores.

Estamos com cara nova, mas com o mesmo coração!

Em nome da Seccional Salvador queremos agradecer a todos aqueles que colaboraram para que esta revista se transformasse em realidade.

Em primeiro lugar, agradecemos à nossa querida Nilza Cercato, que uma vez mais foi o fio condutor que coordenou todos os trabalhos que resultaram nesta bela revista. Muito obrigado, Nilza!

Em segundo lugar, agradecemos a todos os autores de artigos, que se dispuseram a colaborar com mais uma edição da nossa revista, com artigos atuais e educativos. Obrigado, companheiros!

Agradecemos também à jovem Marina Aquino pela criação da capa desta nossa revista, sua primeira colaboração com esta Revista!

Esperamos vê-la colaborando cada vez mais conosco!

Finalmente agradecemos a todos os companheiros da Escola de Pais do Brasil, e em particular aos da seccional de Salvador, pela perseverança em nosso movimento, trabalhando sempre com entusiasmo e dedicação. Obrigado a todos!

Rogamos a Deus que nos abençoe e nos impulse para continuarmos a fazer a diferença para as famílias brasileiras.



MARAMA FARIAS LABRUNIE E MARCOS MORAES LABRUNIE

Casal Presidente da Escola de Pais do Brasil

Seccional Salvador

Seccionais

Escola de Pais do Brasil

MATO GROSSO DO SUL
Bonito (Núcleo)
Campo Grande

BAHIA
Alagoinhas
Muritiba
Salvador
Santo Antonio de Jesus

MINAS GERAIS
Belo Horizonte
João Molevade

SÃO PAULO
Americana
Bauru
Limeira
Mogi das Cruzes
Piracicaba
Praia Grande
Salto de Pirapora
Santa Bárbara do Oeste
São João da Boa Vista
São Paulo Centro
Sorocaba
Campinas

Goiás/ Mato Grosso
Anápolis
Goianópolis
Goianésia
Piracanjuba
Rio Verde

PARANÁ
Curitiba
Guarapuava
São Miguel do Iguaçu
Céu Azul (Núcleo)

SANTA CATARINA
Chapecó
Curitibanos
Grande Florianópolis
Joaçaba
Herval D'Oeste
Urussanga
Videira

RIO GRANDE DO SUL
Canela
Carazinho
Caxias do Sul
Erechim
Getúlio Vargas
Gramado
Marau
São Marcos

PERNAMBUCO
Recife

ALAGOAS
Teotônio Vilela

CEARÁ
Fortaleza

PARAÍBA
Campina Grande
Esperança